

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

REBECA COSTA DE SOUSA

VÍDEOS DO YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE APOIO AO DOCENTE DE MÚSICA: Um relato de experiência sobre a utilização do site nos estágios supervisionados do curso de Música Licenciatura da UEMA.

São Luís – MA

2018

REBECA COSTA DE SOUSA

VÍDEOS DO YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE APOIO AO DOCENTE DE MÚSICA: Um relato de experiência sobre a utilização do site nos estágios supervisionados do curso de Música Licenciatura da UEMA.

Monografia apresentada ao curso de Música da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau em Licenciatura em Música.

Orientador: Prof. Me. Raimundo João Matos Costa Neto

São Luís – MA

2018

Sousa, Rebeca Costa de.

Vídeos do youtube como ferramenta de apoio ao docente de música: um relato de experiência sobre a utilização do site nos estágios supervisionados do curso de licenciatura em música da UEMA / Rebeca Costa de Sousa. – São Luís, 2018.

76 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Música, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Prof. Me. Raimundo João Matos Costa Neto.

1. Ensino de música. 2. Ferramenta didática. 3. Youtube. I.Título.

CDU 78:37(812.1)

REBECA COSTA DE SOUSA

VÍDEOS DO YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE APOIO AO DOCENTE DE MÚSICA: Um relato de experiência sobre a utilização do site nos estágios supervisionados do curso de Música Licenciatura da UEMA.

Monografia apresentada ao curso de Música da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau em Licenciatura em Música.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Raimundo João Matos Costa Neto (Orientador)

Universidade Estadual do Maranhão

1º Examinador

2º Examinador

À minha família

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por tudo na minha vida e a toda a minha família pelo apoio incondicional.

Os agradecimentos especiais vão para o meu orientador, o professor Raimundo João Matos Costa Neto que me orientou com toda dedicação e empenho neste trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas da turma do Curso de Licenciatura em Música pela união, amizade e troca de conhecimentos.

Agradeço imensamente a todos os professores que com seus ensinamentos de grande valor me fizeram aprender muito sobre a arte do ensino da música.

Mais uma vez, a todos, o meu muito obrigado!

“O futuro dos seres humanos depende da educação. Toda tecnologia e sua adaptação trabalhada hoje forma uma série de caminhos para o ser de amanhã percorrer.”

(Leonardo Tomé)

RESUMO

Este trabalho buscou conhecer e entender as possibilidades de utilização de vídeos do Youtube, como instrumentos de apoio ao professor de música e a sua influência como instrumento facilitador na aprendizagem de alunos do ensino básico. A pesquisa realizada neste trabalho partiu de uma reflexão sobre a utilização de vídeos do Youtube como ferramenta de ensino aprendizagem nos estágios realizados durante o curso de licenciatura em música na Universidade Estadual do Maranhão. A metodologia utilizada no trabalho consistiu em revisão bibliográfica, relato de experiências no ensino e aplicação de questionário para obter dados que nos permitiram verificar como se dá o uso desse site por docentes e discentes, suas finalidades, objetivos e se há uma repercussão no aluno em relação aos objetivos do professor ao fazer uso desse recurso.

Palavras – chave: Ensino de Música. Ferramenta didática. Youtube.

ABSTRACT

This work sought to understand the possibilities of using YouTube videos, as instruments to support the music teacher and its influence as a facilitating tool in the learning of elementary school students. The research carried out in this work started from a reflection on the use of Youtube videos as a teaching learning tool in the stages realized during the course of graduation in music in the Universidade Estadual do Maranhão. The methodology used in the study consisted of a bibliographic review, report of experiences in teaching and application of questionnaire to obtain data that allowed us to verify how the use of this site is given by teachers and students, its purposes, objectives and if there is an impact in the student regarding the teacher's goals when making use of this resource.

Keywords: Music Teaching. Didactic tool. Youtube.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1: AULA NA ED. INFANTIL COM O USO DO DATASHOW | 45 |
| FIGURA 2: VÍDEO EDUCATIVO HIGIENE E SAÚDE..... | 46 |
| FIGURA 3: VÍDEO SOBRE HIGIENE E SAÚDE (RATINHO TOMANDO BANHO) | 46 |
| FIGURA 4: VÍDEO LAVAR AS MÃOS DE PALAVRA CANTADA | 47 |
| FIGURA 5: VÍDEO LEGO DIMENSIONS SCOOPY-DOO | 48 |
| FIGURA 6: VÍDEO O SOM DOS INSTRUMENTOS MÚSICAIS | 48 |
| FIGURA 7: VÍDEO DO INSTRUMENTO COM MAIOR EXTENSÃO DE ALTURA MUSICAL- ORGÃO DE TUBOS | 49 |
| FIGURA 8: VÍDEO DO ATOR MICHAEL WINSLOW DA LOUCADEMIA DE POLÍCIA | 50 |

LISTA DE ANEXOS

| | |
|--|-----------|
| ANEXO A: PLANOS DE AULA..... | 68 |
| ANEXO B: FOTOS DO ESTÁGIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 73 |
| ANEXO C: FOTOS DO ESTÁGIO DO ENSINO FUNDAMENTAL | 74 |
| ANEXO D: FOTOS DO ESTÁGIO DO ENSINO MÉDIO | 75 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E MÚSICA | 12 |
| 2.1 Breve retrospectiva histórica da tecnologia na educação | 13 |
| 2.2 Panorama histórico da educação musical no Brasil | 17 |
| 2.3 Recursos tecnológicos e os parâmetros nacionais da educação | 23 |
| 3 O YOUTUBE E O ENSINO | 28 |
| 3.1 O que é o Youtube? | 28 |
| 3.2 A importância do Youtube no ensino | 31 |
| 3.3 Youtube como recurso pedagógico ao docente de música | 34 |
| 3.4 Os fatores positivos e negativos do uso de vídeos do Youtube em sala de aula | 36 |
| 4 METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS | 41 |
| 4.1. Métodos e processos de ensino utilizados e/ou propostos em sala de aula | 41 |
| 4.2 Questionário | 43 |
| 4.3 Descrição das atividades desenvolvidas nos estágios | 45 |
| 4.4 Análise do trabalho com vídeo aulas nos estágios | 51 |
| 5 CONCLUSÃO | 53 |
| REFERÊNCIAS | 55 |
| APÊNDICES | 60 |
| ANEXOS | 67 |

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a tecnologia está presente em diversas atividades cotidianas do ser humano. Desde uma simples escova de dentes elétrica até o uso de robôs em indústrias, as ferramentas tecnológicas auxiliam as pessoas em praticamente todas as áreas. Atualmente, na educação a tecnologia contribui de forma relevante no processo de ensino aprendizagem. A elaboração deste trabalho iniciou-se da tentativa de conhecer e entender as possibilidades de utilização de vídeos do Youtube, enquanto ferramenta de apoio ao professor de música e a sua influência como instrumento facilitador na aprendizagem dos alunos do ensino básico. Essa reflexão foi resultado de uma experiência prática vivida durante o estágio supervisionado em escolas públicas de educação básica em São Luís.

Pensando na proposta de nos atentarmos para a funcionalidade do Youtube como ferramenta a ser analisada e utilizada como recurso didático no ensino de música, partimos do pressuposto de que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em sala de aula permite ao professor estar mais próximo da linguagem do aluno, que já nascera no tempo em que a tecnologia e seus aportes estão inseridos no seu cotidiano.

Este trabalho foi dividido em três partes. A primeira trata de uma abordagem histórica sobre a tecnologia, a música e os parâmetros nacionais na educação. Na segunda parte, explicamos o que é esta ferramenta denominada Youtube, qual é a sua natureza, quando surgiu e qual é sua importância dentro de sala de aula, apontando os fatores positivos e negativos de sua utilização. Por último, tratamos dos vídeos que foram utilizados durante os estágios, descrevendo as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Os critérios levantados para a utilização dos vídeos foram: interação, inovação, autonomia, abrangência, velocidade, entre outros que serão citados. A partir das propostas pedagógicas fomentadas ao longo deste trabalho, iremos exemplificar e refletir sobre a atuação e compromisso dos professores no uso didático do Youtube.

Dessa forma, buscou-se compreender as dimensões do uso do Youtube em sala de aula e suas possibilidades como ferramenta pedagógica no ensino de música. A metodologia utilizada no presente trabalho se constituiu em pesquisa qualitativa e quantitativa. Foi realizado levantamento bibliográfico e aplicação de questionários, como base para a coleta de dados.

2 TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E MÚSICA

Não é nenhuma novidade que a tecnologia está cada vez mais presente na sociedade e em nosso cotidiano, o que se reflete também no ensino. Smartphones, computadores e tablets são dispositivos utilizados diariamente e que possuem um imenso acervo de fontes de informação em formato digital.

Atualmente, diante da facilidade que os jovens possuem de lidar com essa tecnologia, podemos constatar a sua utilização cada vez mais frequente no meio escolar o que nos permite perceber alunos mais imersos nesses aparelhos, como afirma o investigador em aprendizagem e educação Marc Prensky (2001, p. 1) ao designar esta geração de “digital natives”, pois os estudantes de hoje nasceram na era da tecnologia, cercados de ferramentas tecnológicas.

A evolução tecnológica aliada ao ensino nas escolas proporciona aos professores a oportunidade para explorar e promover estratégias e projetos que vão ao encontro dessas tecnologias, como por exemplo pesquisas na web, apresentação de vídeos, exposição de slides, etc.

Desse modo, é importante ratificar que as novas tecnologias permitem aplicabilidades pedagógicas inovadoras que podem contribuir para o ensino aprendizagem, bem como para democratização do acesso ao ensino, permitindo através da comunicação tecnológica que o conhecimento chegue à maioria das pessoas. Sendo assim, a democratização da tecnologia no ensino “permite interações espaço - temporais mais livres, a adaptação a ritmos diferentes dos alunos, novos contatos com pessoas semelhantes, fisicamente distantes, maior liberdade de expressão a distância” (MORAN, 2010, p.57-58).

Em decorrência disto, iremos buscar referências históricas e sociais sobre o uso das tecnologias digitais, onde poderemos perceber o seu crescimento ao longo da história e dos últimos anos, como aconteceu a inclusão digital nas escolas e como esta se tem configurado nos processos educacionais.

Na atualidade, é fácil perceber que muito se fala de tecnologia e de suas interferências na área pedagógica. No entanto, existem poucos trabalhos relacionados à expansão da informática no meio educacional, na educação inclusiva, e nas questões que envolvem a igualdade de gênero, além de trabalhos no desenvolvimento de recursos e softwares educacionais, entre outros.

2.1 Breve retrospectiva histórica da tecnologia na educação

De acordo com Ferreira (2004), tecnologia é o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade. Esta definição acarreta na integração de conhecimentos, métodos, ferramentas, materiais e processos que utilizados podem gerar inovações.

Visto que o computador pode ser utilizado para o ensino e aprendizagem, através de programas educacionais na qual possuem diversas formas de uso. Programas como o Finale, que é um software de edição musical com inúmeras ferramentas que permitem criar, editar, gravar e reproduzir as próprias partituras. Além dele, há o Audacity, que é um editor de áudio que pode gravar e editar músicas. Outro software é o Making Music, que é uma plataforma com ferramentas direcionadas à composição musical, entre outros aplicativos que podem ser usados na educação musical.

De acordo com Brito & Purificação (2011, p 59) “a necessidade incentiva o impulso às criações tecnológicas, como o ábaco, instrumento usado por povos primitivos que auxiliava na contagem, considerado assim o primeiro computador”. Compreende-se então que as tecnologias antigas tenham transformado recursos naturais nas primeiras ferramentas, facilitando ao ser humano primitivo superar seus obstáculos e realizar seus serviços.

Os primeiros computadores eram aparelhos enormes cuja função era automatizar trabalhos repetitivos e com pouca interação com os seus usuários. Com o avanço da tecnologia e o crescimento das telecomunicações, foram criadas máquinas muito mais eficientes e cada vez menores, estas começaram a abranger um público maior de usuários de diversos lugares. Conseqüentemente, as máquinas deixaram de fazer apenas as tarefas automatizadas repetitivas e começaram a trabalhar também com a comunicação e informação. Sendo assim, quando se fala em tecnologia, também estamos falando de comunicação e informação, que são ferramentas vinculadas diretamente à educação, por isso a transferência da tecnologia para área das ideias pedagógicas (TAKAHASHI, 2000).

“Um marco do desenvolvimento da tecnologia computacional foi o ano de 1822, quando o inglês Charles Babbage desenvolveu uma calculadora mecânica que trabalhava usando cartões perfurados” (CARMO, 2000, p.15). Babbage foi considerado um dos maiores inventores da computação e esses cartões foram uma mudança fundamental na história da

computação de informação, pois foram considerados os primeiros programas de computadores, uma vez que continham informações seguidas pelas máquinas.

“Em 1880, nos Estados Unidos, utilizando o mesmo princípio dos cartões perfurados, Herman Hollerith desenvolveu um sistema para processar dados populacionais” (CARMO, 2000, p.16). A máquina fazia a leitura dos cartões perfurados que deixavam passar os pinos, feitos através de um circuito elétrico. A maioria dessa tecnologia usada antigamente nos computadores consistia no desenvolvimento de liga/desliga das máquinas, o que foi aproveitado até os dias atuais nos modernos sistemas elétricos dos computadores.

Os computadores modernos surgiram a partir da década de 40, em meio à Segunda Guerra Mundial, foi quando a tecnologia educativa ganhou força através dos cursos projetados para os militares, apoiados em instrumentos audiovisuais, realizados durante a guerra. A partir dos anos 70, o desenvolvimento da informática consolidou a utilização dos computadores com finalidades educacionais, especificamente em aplicações como o Ensino Assistido por Computador (EAC) (Fernández, 1977).

Durante década de 90, com o surgimento da internet ocorreram várias mudanças tanto no sistema educacional, quanto no econômico e social, além de várias interfaces de comunicação, tais como as redes, servidores, modems. Foram criados também métodos para transmissão de informação pela internet de forma mais otimizada. O JPG e o GIF, formatos de arquivos de imagem comprimidos também ganham popularidade. E logo surgiram soluções para a transferência de áudio (como o mp3).

Depois da Segunda Guerra Mundial, surge um período caracterizado pela grande influência da psicologia devido ao papel de Skinner¹ e dos seus trabalhos na área do ensino programado (COSTA, PERALTA, & VISEU, 2007).

A educação através da tecnologia tem sua base no ensino da informática, através das máquinas. Essa ideia foi usada pelo Dr. Sidney Pressey em 1924 que inventou uma máquina de ensino para corrigir questões de múltiplas escolhas (Multiple Choice Question to Students) aos alunos. Os MQCS eram um método básico para testar os estudantes americanos. E sucessivamente, em 1950, essa máquina foi por B.F. Skinner desenvolvida para ensinar usando a definição da instrução programada.

A instrução programada consiste em dividir o material a ser ensinado em pequenos segmentos logicamente encadeados e denominados módulos. Cada fato ou conceito é apresentado em módulos sequenciais. Cada módulo termina com uma questão que

¹ Burrhus Frederic Skinner foi o autor da primeira proposta de uso da tecnologia no ensino aprendizagem, proposta estruturada no artigo “The science of learning and the art of teching” publicado em 1954 (CARRARA, 1992).

o aluno deve responder preenchendo espaços em branco ou escolhendo a resposta certa entre diversas alternativas apresentadas (VALENTE, 2000, p. 4).

A instrução programada e a máquina de ensinar foram pontos de mudanças fundamentais no sentido de aplicação de conhecimentos a na solução de problemas educacionais.

Depois disso, devido o lançamento do primeiro satélite pela URSS o que ocasionou uma disputa acirrada entre os Estados Unidos e União Soviética pela corrida espacial e a supremacia mundial, ocorreu a expansão das tecnologias nos EUA, que resolveram investir na produção de conteúdos para melhorar o ensino em diversas áreas. Porém, durante este período os computadores eram apenas utilizados nas universidades, pois devido ao custo elevado dos equipamentos acabou sendo inviável implementá-los nas escolas. Em 1963 a universidade Stanford na Califórnia desenvolveu diversos cursos através do computador (VALENTE, 2000). Isto impulsionou o desenvolvimento da tecnologia na educação.

Desta maneira, no início dos anos 60, foram implementados nos computadores programas de instrução auxiliada, chamados de CAI- Computer-Aided Instruction (VALENTE, 2000), que devido ao surgimento dos microcomputadores o crescimento do CAI nas escolas se tornou diversificado com os diferentes tipos de cursos e programas do mesmo, como os de simulados, tutoriais, jogos educativos, avaliações educacionais, etc.

Além da diversidade de CAIs a idéia de ensino pelo computador permitiu a elaboração de outras abordagens, onde o computador é usado como ferramenta no auxílio de resolução de problemas, na produção de textos, manipulação de banco de dados e controle de processos em tempo real (VALENTE, 2000, p. 5).

A partir disso, a tecnologia e o audiovisual começam a ser vistos de forma diferente no meio educacional, passando a ser parte integrante no sistema escolar. Essa mudança direciona-se para uma orientação sistematizada e assumida com base na tecnologia educativa.

O controle audiovisual, passa a ser objeto particular de pesquisa e estudo, com a contribuição das novas perspectivas no processo de comunicação (COSTA, PERALTA; VISEU, 2007). Por isso em termos de importância cultural a tecnologia possui o poder de transformar a forma como trabalhamos, vivemos e lidamos com o saber.

No final da década de 60 foi desenvolvida a linguagem LOGO que foi criada por Papert², um modelo visto como mais uma alternativa fracassada das tecnologias utilizadas até

² Seymour Papert nasceu em Pretória, África do Sul em 1928, foi matemático e educador. Trabalhou com Piaget na University of Geneva de 1958 a 1963, e foi fundador e membro do Media Lab-Massachusetts Institute of Technology (MIT). (PAPERT, 1994).

aquele momento, totalmente contrário às teorias behavioristas predominantes da época, fundamentada na teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget (PAPERT, 1985).

Naquela época, “a principal diferença era a utilização dos computadores, para aprimorar a iniciativa do aluno na sua própria aprendizagem” (COSTA, PERALTA; VISEU, 2007). A linguagem “Logo” era utilizada para comandar um robô, geralmente representado por uma tartaruga, com o propósito de ensinar a criança a criar desenhos ou programas. O grau de complexidade dos desenhos ou programas depende do nível do usuário que pode ser tanto uma criança quanto um adulto.

O nome “Logo” é derivado do grego “logos” que significa “palavra”, que é uma referência à linguagem. A logo não é somente uma linguagem, mas é também uma filosofia sobre o universo da aprendizagem usando a tecnologia (PAPERT, 1997). O objetivo de Papert ao criar a Logo foi favorecer as crianças a aprender com prazer os programas, potencializando a aprendizagem (PAPERT, 1997; SOUZA, 2007). Era uma maneira de se utilizar o computador de forma diferente da programada que se usava na época.

De acordo com Papert (1997, p. 8), a educação tem o papel de “criar os contextos adequados para que as aprendizagens possam se desenvolver de modo natural”. O que se deseja com a linguagem Logo é criar um espaço desafiador e criativo. Por meio desse sistema, pretende-se desenvolver um ambiente em que o conhecimento não é passado para “as crianças, mas sim, ao interagir com esse ambiente, as crianças podem aprender construindo” (PAPERT, 1997, p. 104).

Apesar de ser criada na década de 60, foi somente a partir da década de 70 que a linguagem LOGO começou a ser experimentada nas escolas americanas. Essa linguagem representou uma mudança no paradigma de uso da tecnologia na educação. Devido ao intenso debate e pesquisa na época, a linguagem logo teve uma grande importância histórica.

Na década de 80, as tecnologias deixam de ser apenas experimentadas e passam a ser implementadas através da informática, o que ajudou no aparecimento de novas formas de regular o potencial uso das tecnologias na aprendizagem e na escola. A informática passa a ser determinante e a estar exclusivamente na preocupação dos pesquisadores (COSTA, PERALTA; VISEU, 2007).

Continuando na década de 80, chegaram no Brasil os primeiros computadores pessoais (PCs) e os serviços da internet. Além disso, a introdução do programa de informática na educação brasileira começou com os seminários nacionais de informática na educação. O primeiro realizado em 1981 na Universidade de Brasília e em 1982 na Universidade Federal da Bahia. A partir desse período, se estabeleceram vários projetos e programas educacionais, como

por exemplo o EDUCOM, PRONINFO, PROINFO e etc. Por isso, neste contexto, os programas, projetos e iniciativas governamentais foram de fundamental importância para a implantação das tecnologias que já eram existentes nas escolas.

A evolução da tecnologia na educação ocorre em uma velocidade sempre crescente, tanto os alunos como os professores estão em constante compartilhamento de conteúdo nas redes, produzindo e trocando informações. Martucci destaca em seu estudo a relevância do desenvolvimento tecnológico, pois para ele:

O desenvolvimento tecnológico ocorrido nas últimas décadas foi responsável pelo início da revolução digital e pela emergência da sociedade de informação: uma comunidade global baseada em TICs, que envolvem a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos. (...). As TICs representam uma das grandes esperanças para liberar energias e processos criativos, criar e compartilhar conhecimentos e enfrentar carências educacionais e informacionais, sendo consenso que se deve trabalhar para oferecer a toda a população igualdade de oportunidades de acesso a essa revolução (MARTUCCI, 2005, p. 184-185).

Compreender todo esse histórico nos permite prosseguir na discussão sobre a utilização da tecnologia como recurso no processo de ensino aprendizagem. Mas, pelas formas que são utilizadas no ambiente escolar, às vezes apenas como entretenimento ou uma forma de distração durante as aulas, percebem-se pontos ou vertentes de ensino sobre os quais precisamos debater, discutir e repensar para a atuação do professor em sala de aula.

2.2 Panorama histórico da educação musical no Brasil

Os primeiros registros de atividades relacionadas ao ensino da música no Brasil remontam à atuação dos Jesuítas em 1549, com a chegada dos portugueses. Os padres jesuítas, decididos a conquistar novos servos para a igreja, encontraram na arte uma forma de atrair os indígenas. A primeira missão dos jesuítas foi a catequese dos indígenas. Entre os recursos que utilizaram, destaca-se a música, pois os indígenas tinham uma forte relação com essa manifestação artística. Eles usaram a música para transmitir a mensagem de fé, ao mesmo tempo que buscavam se aproximar dos índios. Relata França em sua obra *A música no Brasil* (1953, p. 7) esse contexto histórico:

O coral Gregoriano mágico instrumento de conversão de que se utilizou o jesuíta José de Anchieta, aquela magnífica figura de evangelizador. E com ele os jesuítas

Aspicuelta Navarro e Manuel de Nóbrega. Este dizia que: ‘com a música e a harmonia, atrevo-me a atrair para mim todos os indígenas da América’ (FRANÇA, 1953, p. 7).

Através do cantochão e dos autos (são pequenas peças teatrais religiosas e moralistas), nos quais os índios encenavam e tocavam essas peças, os jesuítas conseguiram impor aos poucos a cultura lusitana, desconsiderando a cultura e valores locais, perdendo um pouco de suas particularidades (FONTERRADA, 2005). Sendo assim, com o decorrer dos anos, na medida em que crescia a população no Brasil, os jesuítas implantaram um novo modelo de educação, que era fundamentado nos princípios da Ratio-Studiorum (Ordem dos Estudos). Essa Ordem continha o conjunto de normas e regras criadas para regulamentar o ensino nos colégios jesuítas.

Porém, com a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, ocorreram mudanças no sistema escolar. Um período de desestruturação do ensino brasileiro devido ao fechamento das escolas jesuítas. Entretanto, durante todo período colonial, a música continua com forte ligação religiosa, com características europeias devido a escola de outras ordens religiosas (carmelitas, franciscanos, capuchinos e outras) que se mantiveram na época.

Apesar do seu caráter religioso, a música brasileira no período colonial começa a se popularizar, principalmente o lundo ou landu, que inicialmente era uma dança africana, assim descrita por Mario de Andrade (1980). Nesse período, também chegam ao Brasil as valsas, tangos, polcas e outras diversas manifestações artísticas. Sendo assim, a presença da música passa a não ser frequente apenas nas igrejas, mas também no cotidiano das pessoas, como em festas sociais e militares.

Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil e sua comitiva, dentre eles músicos e artistas, cresce a área cultural e artística do Rio de Janeiro. Além do surgimento da capela real, que era uma orquestra de música erudita, também ocorreu o aparecimento de grandes teatros e óperas. Porém, com a volta de D. João VI a Portugal, a capela real perde sua força. Em consequência, a música religiosa passa a dar lugar à música secular (MARIZ, 1981).

A introdução de um sistema de educação brasileiro dependia da formação de professores e a criação de escolas, o que se iniciou em 1835, quando foi criada a primeira escola em Niterói, no Rio de Janeiro. No início a sua grade curricular era simples, o que foi melhorado depois com a inclusão de novas matérias, como a música.

Neste período a música estava presente também nos educandários, mais conhecidos hoje em dia como colégio ou escolas, que incluíam o ensino de música e cantochão.

Existiam também os educandários femininos onde o ensino de música incluía o canto e o domínio de algum instrumento.

Em 1841, foi fundado o conservatório musical do Rio de Janeiro por Francisco Manuel da Silva (1795-1865) que foi maestro, compositor e professor brasileiro, autor do Hino Nacional Brasileiro. Esta foi a primeira grande escola de música do Brasil, que hoje é a escola de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Mariz, “o projeto foi aprovado em 1841, mas tardou a ser posto em prática por falta de fundos. Foram feitas duas loterias e só em 1848 é que foi possível o início das aulas, com seis professores” (MARIZ, 1981, p.51).

Depois, com a proclamação da República em 1889, estabeleceu-se o início de uma nova fase no ensino das artes, que até então era marcado fortemente pela influência europeia.

O ensino de música nos conservatórios e institutos de música baseavam-se no paradigma técnico-linear, voltadas para capacitação dos indivíduos, que privilegia a vocação para desempenhar funções específicas como atuar em igrejas ou teatros. Conforme afirma (Freire apud Loureiro, 2001, p 52):

[...] seu currículo original constava das seguintes disciplinas: rudimentos preparatórios e solfejos; canto para o sexo masculino; rudimentos e canto para o sexo feminino; instrumentos de corda; instrumentos de sopro; harmonia e composição. Este elenco de disciplinas remetia, clara e objetivamente, aos objetivos propostos – à capacitação técnica de artistas para suprirem as exigências do Culto e do Teatro (Freire apud Loureiro, 2001, p 52).

Em relação ao ensino informal, que era mais variado e diferente, este preparava as pessoas para tocar ou cantar em ambientes informais como por exemplo nos salões da sociedade carioca da época. Atingindo todos os níveis de classe social da época, isto suscitou um grande e agitado movimento musical no final do século XIX (FRANÇA, 1953).

No começo do século XX, ocorreram mudanças no ensino musical da Europa. Com o movimento da escola nova, vários músicos pedagogos como Jacques Dalcroze, Carl Orff, Edgar Willems, Zóltan Kodaly, entre outros, desenvolveram métodos inovadores para o ensino de música como possibilidade de educar crianças das classes menos favorecidas. De acordo com Giorgi (1992, p.16), a “Escola Nova seria a educação adaptada à sociedade industrial, ou seja, uma educação para uma sociedade em mudança”.

No Brasil, esse movimento ganha força com a Revolução Dos 30. A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino, na qual ratificava a importância da arte na educação para o desenvolvimento da criança. Segundo Giorgi:

Os métodos da Escola Nova seriam voltados a formar indivíduos ativos, capazes de julgamento próprio, preparados para enfrentar as mudanças que se sucederão durante o transcorrer das suas vidas. Para isso, teriam de ser indivíduos capazes de reciclar os

seus conhecimentos, uma vez que estes se tornam rapidamente obsoletos; ou seja, teriam de ser indivíduos que tivessem “aprendido a aprender” (GIORGI, 1992, p.16).

Com a Semana de Arte Moderna do Brasil denunciando a situação das artes brasileiras influenciadas pelo conservadorismo da Europa e propondo uma redefinição do ensino de artes, surgiu um representante deste movimento, que foi Heitor Villa-Lobos. Villa Lobos introduziu na música funções descritivas, folclóricas e cívicas e também fundamentou a prática do canto orfeônico nas escolas brasileiras.

Considerado um dos maiores movimentos de educação musical no Brasil, pode-se observar que o canto orfeônico presente nas escolas brasileiras estava ligado ao ideal da Escola Nova. Estabeleceu-se como movimento durante todo Estado Novo³ e tinha à sua frente o compositor e maestro Heitor Villa Lobos.

De acordo com Oliveira (apud Loureiro, 2001, p 56):

Villa Lobos, ao introduzir o Canto Orfeônico, de certa forma abriu a concepção de ensino de música tanto para crianças como para as grandes massas. Através de sua prática, pode-se perceber que a sua intenção, além de ser cívica e disciplinadora, era também de formar público e divulgar música brasileira. O processo de ensino neste período pretendia musicalizar tanto pela prática como pela teoria da música, atendendo a toda a população estudantil. Pode-se observar nesta postura, que existe uma semente de abertura do conceito de educação musical, embora silenciosa (OLIVEIRA apud LOUREIRO, 2001, p 56).

Depois da Revolução Dos 30, com o crescimento do nacionalismo no país, cresce também a importância do ensino da música nas escolas, que foi considerado um dos principais veículos de exaltação da nacionalidade. Nesse momento, surge a ação de três grandes músicos educadores da época: Heitor Villa Lobos, já citado anteriormente, Antônio Sá Pereira e Liddy Chiaffarelli Mignone. Eles queriam ampliar a educação a todos do país, com a educação musical, introduzindo metodologias de ensino de música, que foram o canto orfeônico e a iniciação musical.

O canto orfeônico foi implementado por Villa Lobos na rede pública de ensino brasileiro com o objetivo de musicalizar as escolas. A iniciação musical foi instituída por Liddy Chiaffarelli e Antônio Sá Pereira no conservatório brasileiro de música e no Instituto Nacional de Música com intuito de formar músicos. Apesar das duas propostas terem finalidades diferentes, existe um ponto em comum entre elas, qual seja, a exaltação nacionalista. Enquanto uma executava hinos patrióticos, a outra enfatizava canções folclóricas retratando o país.

³ Estado novo, foi o regime político ditatorial, estabelecido por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937 e perdurou até 1945. Fez parte do período da história brasileira mais conhecido como era Vargas (PANDOLFI, 1999).

Dentro desse contexto, durante a era Vargas, o presidente assinou o decreto nº 18.890, em 18 de abril de 1932, onde torna o canto orfeônico obrigatório nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Esse decreto, baseado no nacionalismo da era Vargas, tinha, além do objetivo social e pedagógico, um caráter político.

A população seria obrigada a participar das gigantescas concentrações orfeônicas na época, tornando-se o alvo desta metodologia cujos objetivos eram desenvolver (em ordem de importância): 1º - a disciplina; 2º - o civismo e 3º - a educação artística (FUKS, 1991). Na realidade, a propaganda dirigida ao povo no sentido de atraí-los para as figuras de Villa-Lobos ou de Getúlio Vargas era como um recurso bastante eficaz para a sacralização do conceito de “brasilidade” nos campos da música e da política (CONTIER, 1998).

Apesar de várias medidas tomadas para a implantação do canto orfeônico, tais como a formação de professores para prática musical, os cursos rápidos e o programa de canto coletivo. Foi impossível implementar o canto orfeônico em todo o Brasil, devido às dimensões geográficas do país e à formação inadequada dos professores. É o que Senize (apud Fonterrada, 1993, p.76) afirma, ao falar da formação dos professores como uma das causas do fim do Canto orfeônico nas escolas:

Ao precário treinamento assim ministrado, juntou-se por inevitável, um relaxamento nas exigências para admissão, e nos crivos de avaliação da capacidade (...). Era o início de um paulatino e arrastado emurchecimento (SENIZE apud FONTERRADA, 1993, p.76).

Com o fim da Era Vargas e do Estado Novo, o país começa a se democratizar e, para que isso acontecesse, era necessário eliminar tudo o que estava associado ao regime ditatorial da época, colocando em decadência o canto orfeônico, que, embora continuasse sob forma de disciplina, já não possuía tanta importância como antes.

Deste modo, surgia na década de 40 dentro de um novo contexto, a pedagogia da criatividade, cujas bases estavam nas tendências da pró-criatividade e nas práticas de iniciação musical desenvolvidas por Liddy Chiaffarelli e Antônio Sá Pereira. A adesão dos professores a essa nova proposta de ensino foi em decorrência de uma maior identificação com essa nova metodologia, que, ao contrário do canto orfeônico, não exigia tantos conhecimentos específicos da área musical. De acordo com Fuks, “para estes professores, era como se este novo caminho pudesse acobertar a deficiência da sua formação”. (FUKS, 1991, p.125).

Daí surge uma nova maneira de ensinar, que era baseada na criatividade e experimentação. Porém, ao mesmo tempo que algumas pessoas apresentavam posições opostas ao ensino musical, as escolas públicas, escolas de música e conservatórios, cada um defendia à sua maneira uma postura mais tradicional, ou seja, procuravam manter a prática do canto orfeônico, de forma conservadora, baseando-se nos padrões tradicionais europeus do século

XVIII e XIX. Mas a resistência das instituições de educação formais não deteve a renovação educacional.

Na nova concepção de arte e educação foram acrescentadas novas propostas. A arte deixou o rigor técnico e científico e começou a dar lugar à expressão humana. No caso da música, são mais valorizados os sentimentos e liberdade de expressão. Este movimento artístico que adentrou os anos 60 recusava o convencional, rompendo com o tradicional, adotando uma nova proposta didática. De acordo com Fuks (1991, p. 146), a música desta época

Tratava-se de um complexo sonoro no qual se encontravam embaralhadas a chamada música erudita, a popular com suas divisões, a educação musical (orfeônica e de iniciação musical) e aquela que era ensinada na escola normal pública, ou seja, a pró-criatividade (FUKS, 1991, p. 146).

Na década de 70, o ensino da música sofre outras mudanças. Em 1971, é promulgada a lei nº 5692/71, tornando obrigatório o ensino de artes, onde a disciplina de música juntamente com artes plásticas e artes cênicas passam a integrar a disciplina de educação artística, instituindo assim a polivalência nesta disciplina. A polivalência nada mais é do que um mesmo professor ensinar na disciplina de artes a música, dança, artes plásticas e cênicas.

Na prática, ocorreu uma interpretação equivocada da implementação da polivalência, que acabou diluindo os conteúdos específicos de cada área, principalmente da música, pois mesmo que a intenção fosse colocar a arte em função de uma educação global de cada pessoa, as práticas pedagógicas que estavam relacionadas à educação artística privilegiaram mais as artes plásticas. Como resultado disso, é que as artes coletivas como as cênicas, dança e principalmente a música não eram ofertadas nas escolas da mesma maneira que as artes plásticas. Para Santos:

Embutida no currículo pleno das escolas de 1º e 2º graus como uma das linguagens de 'Educação Artística' (...), a Música passou a atuar como 'pano de fundo' para expressão cênica e plástica, esvaziando-se como linguagem auto-expressiva (SANTOS, 1994, p. 9-10).

Em razão disso, uma das consequências foi a superficialização dos conteúdos de artes na escola, e a ausência da música nas escolas, já que as artes plásticas se estabeleceram como área predominante da educação, em detrimento das outras áreas artísticas. Com isso a falta de ensino de música nas escolas aumentou ainda mais o caráter elitista de acesso à educação musical, passando a ser experimentada por uma minoria da população que tinha condições de pagar pelo ensino musical, como discorre Beyer (apud MATEIRO, 2000, p. 2):

A educação musical tornou-se, então, privilégio de uns poucos, pois a maioria das escolas brasileiras aboliu o ensino de música dos currículos escolares devido a fatores

como a não obrigatoriedade da aula de música na grade curricular e a falta de profissionais da área, somando-se a isso os valores culturais e sociais que regem a sociedade brasileira (BEYER apud MATEIRO, 2000, p. 2).

Com o fim do regime militar nos anos 80 e o movimento pela redemocratização da sociedade, vem à tona a questão da educação. Esse período de redemocratização compreendeu várias medidas, ampliando as garantias individuais e a liberdade de imprensa. A principal medida em relação a escola está na promulgação de uma nova lei de diretrizes e bases (Lei nº 9394/96) que ocorreu em 1996, após oito anos sendo tramitada. O Brasil iniciou o seu processo de reforma do estado, e, a partir da reforma, o estado passa a exercer um novo papel, que antes incluía políticas sociais e participava do mercado com suas próprias empresas.

A reforma do Estado deve ser entendida dentro do contexto da redefinição do papel do Estado, que deixa de ser o responsável direto pelo desenvolvimento econômico e social pela via da produção de bens e serviços, para fortalecer-se na função de promotor e regulador desse desenvolvimento (BRASIL, 1995, p.12).

Nessa conjuntura política e histórica, “se intensificaram as ações no sentido de ajustar as políticas educacionais ao processo de reforma do Estado brasileiro, em face das exigências colocadas pela reestruturação global da economia” (FONSECA, 2001, p.15). Sendo assim, foi promulgada em 1996 uma nova lei de diretrizes e bases da educação (LDB), a lei nº 9. 9394/96, que determina reformas no sistema escolar. Logo depois, na mesma década de 1990, surgem os parâmetros curriculares nacionais (PCN) que trazem orientações para cada área da ciência.

Diante de todo o exposto, nota-se que a legislação educacional estabelece há bastante tempo um espaço para arte, e suas linguagens, nas escolas regulares. Todavia, somente a partir de 18 de agosto de 2008 foi sancionada a lei nº 11.769/08 que garantia o ensino de música como conteúdo nas escolas.

2.3 Recursos tecnológicos e os parâmetros nacionais da educação

A partir do ponto de vista de mundo globalizado e informatizado, com as mudanças constantes na história da educação, o sistema educacional passou a necessitar de recursos que auxiliassem no processo educacional, funcionando como ferramentas de estímulo para o desenvolvimento das aulas e atividades escolares.

Os novos recursos tecnológicos (computador, tv, o datashow e etc.) possibilitaram vários benefícios, como a interatividade, o acesso rápido a informação, material de apoio para os alunos e profissionais da educação, entre outros ligados ao processo de ensino. De acordo com a Unesco:

O uso de TICs provou seus benefícios ao elevar a motivação e aprendizagem independente no ambiente da sala de aula. Professores estão entre os que mais podem beneficiar-se pela adoção de TICs como um instrumento para capacitação continuada, fonte de informação para preparação das aulas e ferramenta para o intercâmbio de informação e conhecimento” (UNESCO, 2005, p. 15).

Outro ponto importante é que os recursos tecnológicos permitem a construção do conhecimento, proporcionando aos alunos a oportunidade de construção e o desenvolvimento de suas habilidades através da contextualização do processo de ensino. Segundo Valente (2001), “a construção do conhecimento acontece pelo fato de o aluno ter que buscar novas informações para complementar ou alterar o que ele já possui” (VALENTE, 2001, pg 2).

A partir da citação de Valente, podemos compreender que este processo não é tão simples quanto parece. É importante que o aluno consiga interagir com os recursos tecnológicos, como por exemplo o computador, o smartphone, a tv etc. É relevante também a mediação de um profissional capacitado para contribuir com a construção do conhecimento do aluno. Por isso, para que a utilização do computador na sala de aula possa se tornar sempre produtiva e interessante, é necessário que o professor mantenha a coerência entre o objetivo do uso desta ferramenta tecnológica e os conteúdos trabalhados em sala.

Valente afirma que “os computadores não devem simplesmente ser instalados como um novo recurso educacional, precisam ser inseridos em ambientes de aprendizagem que facilitem a construção de conhecimento” (VALENTE, 1993, p.104) para a compreensão do que o aprendiz faz e o desenvolvimento das habilidades que são necessárias para atuar na sociedade do conhecimento.

Atualmente muito se enfatiza a importância das TICs (tecnologia de informação e comunicação) na educação e de sua importância como recurso tecnológico. As TICs contribuem para a democratização das informações criando novas formas de interação, possibilitando trocas de conhecimentos. Para Almeida:

“Inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto” (ALMEIDA, 2008, p. 71).

As tecnologias de comunicação e informação juntamente com os recursos tecnológicos são citados nos PCN'S como elementos de transformação do meio em que se encontram. Ocorreram “mudanças nos processos de comunicação e produção de conhecimentos na consciência individual, na percepção de mundo, nos valores e nas formas de atuação social” (BRASIL, 1998, p. 136) porém a realidade brasileira está longe de tornar-se uma sociedade tecnológica.

Na atualidade, a sociedade em geral e o mercado de trabalho exigem pessoas com o conhecimento constantemente atualizado e através das tecnologias e dos recursos tecnológicos podemos estar bem informados e construindo o conhecimento com frequência. Os PCNs informam que:

O perfil do trabalhador vem sofrendo alterações, e em pouco tempo a sobrevivência no mercado de trabalho dependerá da aquisição de novas qualificações profissionais. Cada vez mais torna-se necessário que o trabalhador tenha conhecimentos atualizados, iniciativa, flexibilidade mental, atitude crítica, competência técnica, capacidade para criar novas soluções e para lidar com a quantidade crescente de novas informações, em novos formatos e com novas formas de acesso (BRASIL, 1998, p.138).

Os parâmetros curriculares que começaram a ser elaborados na segunda metade da década de 1990 só foram implementados nas escolas em outubro de 1997, quando Fernando Henrique Cardoso, o então presidente do Brasil, anunciou o material produzido para o ensino fundamental I e posteriormente foi disponibilizado o material referente ao ensino fundamental II para todos os professores do Brasil.

“Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam Critérios de Avaliação das aprendizagens fundamentais a serem realizadas em cada ciclo e se constituem em indicadores para a reorganização do processo de ensino e aprendizagem” (BRASIL, 1998, p. 53). A elaboração dos PCNs, embora já mencionada antes, foi configurada em um momento de reformas educacionais, dentro de um contexto de iniciativas governamentais. Então esses parâmetros foram feitos para reestruturar os sistemas de ensino.

A composição dos PCN baseia-se nas diretrizes do plano decenal de educação para todos, sob a constituição de 1998, na qual reafirma a necessidade e a obrigação do Estado de elaborar parâmetros claros, no campo curricular, capazes de orientar o ensino fundamental de forma a adequá-lo aos ideais democráticos e à busca da melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras.

“Os Parâmetros Curriculares Nacionais apóiam-se em normas legais e procuram contribuir na busca de respostas a problemas identificados no ensino fundamental, objetivando uma transformação desse ensino que atenda às demandas da sociedade brasileira atual” (BRASIL, 1998, P.49)

Os PCNs, além de determinarem os conteúdos curriculares no ensino, também representam uma meta de qualidade para as escolas. Mais precisamente, são como referência

para o Ministério da Educação - MEC, em relação à formação para o magistério, os livros didáticos a serem utilizados na escola, e ainda a avaliação nacional para o ensino.

O primeiro documento foi um conjunto de 10 volumes destinados às 4 primeiras séries do ensino fundamental, lançado no final de 1997. Depois outro conjunto para as outras 4 séries do ensino fundamental, que correspondem da 5ª a 8ª série do ensino fundamental, composto também por 10 volumes, foi publicado no final de 1998. Nessa edição, foram acrescentados língua estrangeira e outros temas transversais, que incluíam o trabalho e o consumo.

Porém, quanto à forma de organização dos PCNs, eles incluíam o ensino em ciclos ao invés de séries. Essa proposta de ciclos começou a ser utilizada desde a década de 1980 nas escolas municipais e estaduais. Sendo assim, de acordo com os PCNs, o ensino fundamental seria dividido em 4 ciclos, cada um correspondia a 2 séries.

Os objetivos e conteúdos apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais estão organizados em quatro ciclos, sendo que cada um corresponde a duas séries do ensino fundamental. Esse agrupamento tem como finalidade evitar a excessiva fragmentação de objetivos e conteúdos e tornar possível uma abordagem menos parcelada dos conhecimentos, que permita as aproximações sucessivas necessárias para que os alunos se apropriem deles. (BRASIL, 1998, p. 52-53)

Para uma boa organização e funcionamento de um sistema de ensino, precisa-se de regras, critérios e normas que orientam na formulação e implementação de políticas públicas, norteando a direção daquilo que se quer alcançar. Para Arroyo, “é dever do Estado (...) coordenar a construção consensual de linhas básicas, parâmetros de uma proposta curricular e educacional” (ARROYO, 1997, p. 8-9).

Os PCNs, ao definirem os critérios, conteúdos, estratégias e procedimentos, correspondem a mais do que simples parâmetros, à medida que têm a intenção de centralizar um currículo nacional, conduzindo a uniformização e homogeneidade do sistema de ensino. Tudo isso com o objetivo de suprir as necessidades das escolas públicas brasileiras, relacionando esses procedimentos e estratégias com o desempenho e melhorias na qualidade da educação básica de ensino. Para Arroyo:

Os PCN podem representar uma oportunidade para um debate sobre um projeto nacional de educação básica que não se limite a definir os conteúdos a serem ensinados, mas que traga para o debate as contribuições de tantas experiências de renovação pedagógica produzidas recentemente na nossa diversidade social e cultural (ARROYO, 1997, p. 17).

Porém, mesmo com a ampla reforma pretendida pelos PCNs, a educação básica ainda necessitava de outras mudanças estruturais, porque a qualidade do ensino não depende

somente de parâmetros ou currículos. Há inúmeros fatores que influenciam, tais como as condições sociais, culturais e econômicas dos alunos e dos professores.

Um exemplo disso são os países que estão no topo da lista no PISA (é o programa internacional de avaliação de estudantes realizado pela organização para a cooperação e desenvolvimento econômico- OCDE) como a China, Singapura e Hong Kong, que podemos observar em números baixos as diferenças sociais e econômicas e o alto PIB (produto interno bruto) em relação aos outros países que não estão. O exame ocorre a cada três anos para alunos na faixa etária dos 15 anos e corresponde a uma prova aplicada para medir o nível de habilidades de estudantes de diferentes países em três áreas do conhecimento: matemática, leitura e ciência. Em relação ao Brasil, conseguimos identificar numa relação direta os rankings das escolas com os salários dos professores, aspectos relativos a saúde, habitação, alimentação e a qualidade de vida da comunidade muita das vezes pode interferir no desempenho educativo e no trabalho dos docentes.

Em 2012, segundo a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), 65 países participaram do Pisa. Em matemática, o Brasil ficou em 58º lugar no ranking, com 391 pontos. Na prova de leitura, a média do país foi de 410 pontos, o que levou à 55º posição. Em Ciências, o país ocupa a 59º posição no ranking, com 405 pontos.

Entre os países melhores colocados no ranking do PISA, estão os que dão suporte aos alunos e formação continuada aos professores, os que investem mais na profissionalização, como centros de formação permanentes, além de serviços psicopedagógicos nas escolas. Todos esses fatores contribuem para o crescimento educacional de um país.

Mas apesar disso, os PCNs merecem destaque ao motivar os debates e discussões sobre o currículo, transformando as práticas educativas, os conteúdos e procedimentos, revigorando as gestões escolares, dando visibilidade às temáticas sociais, como saúde, trabalho, cidadania e etc.

3 O YOUTUBE E O ENSINO

Atualmente, há uma variedade de tecnologias nas quais podemos usar para auxiliar o professor e o aluno no ensino aprendizagem de música, entre os quais se destacam o vídeo, a computação (programas como o finale, make music, etc.), o rádio, a internet (revistas eletrônicas, sites de busca, repositório, artigos online, etc.), entre outros. Todas essas opções e recursos são relevantes para desenvolver um aprendizado e conhecimento em música além de exercer novas práticas pedagógicas.

Este capítulo direciona-se principalmente ao Youtube, que é uma ferramenta de mídia digital que está inserida cada vez mais no cotidiano social, familiar e escolar. Faremos uma análise das possíveis relações dos vídeos do Youtube com a prática escolar, o dia a dia do docente e discente, e como essas relações podem ser fomentadas no cotidiano escolar através da participação dos professores e alunos, visando o ensino-aprendizagem da disciplina de música.

Quando nos referimos a uma sociedade globalizada e que abrange cada vez mais as mudanças tecnológicas ao seu cotidiano, a utilização das redes sociais digitais na educação se faz necessário, visto que elas englobam a produção e reprodução midiática de informações antes apenas encontradas em enciclopédias, livros e revistas, porém de forma mais rápida e dinâmica, o que se insere nas questões das mudanças dos paradigmas educacionais através dos fluxos de informações.

O Youtube, como portal de vídeo on-line, constitui uma nova maneira de criar e absorver conteúdo. Esse site tornou-se importante, pois é possível expor opiniões, produzir informação, conteúdos científicos, educacionais, humorísticos, debates, etc.

3.1 O que é o Youtube

O Youtube é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Ele foi fundado por três pioneiros do PayPal (um famoso site ligado a gerenciamento e transferência de pagamentos online), que foram Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, em fevereiro de 2005. O mesmo utiliza o formato Adobe Flash Player e HTML para disponibilizar o conteúdo. É um dos sites mais populares do tipo em decorrência da

possibilidade de acolher qualquer vídeo (exceto materiais protegidos por copyright). Hospeda uma grande variedade de vídeo clipes, filmes e materiais caseiros (BURGESS, J.; GREEN, J. 2009).

É um espaço virtual em que se pode assistir a um vídeo pela internet sem que seja necessário baixar o vídeo o que facilita seu uso de forma mais rápida, além de possibilitar a busca pelo vídeo desejado e integrar os usuários demonstrando as suas opiniões, fazendo avaliações e comentários. Burgues e Green (2009) informam que a tecnologia é inovadora mas não é exclusiva. O Youtube, como uma interface simples e didática, não exige conhecimentos técnicos para sua utilização.

Em decorrência disto, percebe-se que o Youtube é um programa versátil, pois além de proporcionar por meio da plataforma web, filmes e vídeos, ainda oferece tanto para os usuários comuns ou profissionais a oportunidade de produzir e publicar seus próprios vídeos. Sendo que estes vídeos podem ser de qualquer tema ou assunto. De acordo com Gilles Lipovetksy e Jean Serroy (2009), a criatividade de cada pessoa é ampla, na qual cada um pode realizar um filme, seja ele caseiro ou profissional. Podemos notar isso quando os mesmos autores discorrem que:

[...] a geração de 15 a 30 anos de idade encontra aí meios de expressão que abrangem todas as formas artísticas: música, fotografia, grafismo, quadrinhos, vídeos e, naturalmente, cinema. Alimentada por uma cultura de imagem em que o cinema ocupa lugar central, essa geração se volta em massa para a Web [...] em favor da rede de informática, cujo custo é infinitamente mais modesto e cuja difusão nem de longe se compara com a exibição em salas ou festivais [...] (LIPOVETSKY E SERROY, 2009, p. 290-291).

É muito comum o uso do Youtube por pessoas de todas as idades, mas segundo o relatório YouTube Insights o site faz um grande sucesso mesmo é entre os mais jovens na faixa etária de 18 a 35 anos. Como a maioria dos smartphones, notebooks atualmente possuem câmeras e suportes para realizar filmagens caseiras estes jovens costumam postar seus vídeos no Youtube, seja como fins artísticos, educacionais, culturais, musicais, históricos ou de entretenimentos.

O Youtube trabalha como “uma plataforma e um agregador de conteúdo, embora não seja uma produtora do conteúdo em si” (BURGESS; GREEN, 2009, p.21). O site, além de atrair a atenção para os vídeos que são depositados, também gera receitas através de anúncios. Assim quanto mais visualizados são os vídeos, mais empresas de anúncio se interessam pela plataforma, e mais usuários também. Burgues e Green (2009) acreditam que:

O valor do YouTube não é produzido somente ou tampouco predominantemente pelas atividades *top-down* da YouTube Inc. enquanto empresa. Na verdade, várias formas

de valores culturais, sociais e econômicos são produzidos coletivamente *en masse* pelos usuários, por meio de suas atividades de consumo, avaliação e empreendedorismo (BURGESS; GREEN, 2009, p. 23).

Segundo Burgess e Green (2009), um ponto culminante do site foi em outubro de 2006, que foi quando o Google o comprou por 1,65 bilhões de dólares. Com o tempo, aumentaram o número de upload de vídeos, como também o número de visualizações.

De acordo com os dados fornecidos pelo próprio site, o Youtube tem mais de 1 milhão de usuários, o que é quase um terço dos usuários da internet. E diariamente essas pessoas assistem bilhões de horas de vídeo, o que gera bilhões de visualizações. É relevante destacar também que o Brasil é o segundo país em número de usuários no Youtube (TELLES, 2011).

Segundo Karim (apud BURGESS e GREEN, 2009), o sucesso do site ocorreu principalmente pela implementação de quatro funcionalidades, que são as recomendações de outros vídeos através da lista de “vídeos relacionados”, o método fácil de compartilhamento dos vídeos que, no início era por e-mail, mas atualmente pode ser de outras formas, inclusive pelas redes sociais; os comentários e as possibilidades de se reproduzir os vídeos em outro site (BURGESS e GREEN, 2009, p.2).

Hoje praticamente qualquer um pode capturar, editar e compartilhar pequenos videoclips, utilizando equipamentos acessíveis (como celulares) e softwares gratuitos e livres. Sites de compartilhamento de vídeos têm crescido bastante, e o que costumava ser difícil e caro tornou-se algo que qualquer um pode realizar fácil e praticamente sem custo (MATTAR, 2012, p. 96).

Sendo assim, o youtube torna-se “o site mais popular para arquivamento e divulgação de vídeos e o mais acessado em pesquisas escolares” (CARLONI e TARCIA, 2010, p. 33).

Na educação, o Youtube serve como uma relevante interface da web 2.0, por propiciar a dinamização e propagação das aulas. Portanto, quando usado para fins didáticos e pedagógicos, estimula a imaginação e criatividade dos alunos, possibilitando a construção de vídeos para atividades, apresentações ou seminários que são compartilhados e acessados pelos usuários da web.

Sobre o Youtube, Mattar (2012) discorre que através da inclusão de “comentários, respostas por vídeos e comunicação, disponíveis nessa plataforma, é possível transformá-la em ambiente virtual de aprendizagem” (MATTAR, 2012, p.94), já que fica fácil visualizar as comunicações e interagir com os usuários do site.

Em decorrência disso, podemos visualizar as diversas potencialidades do Youtube, basta usar a criatividade e objetividade para tornar essa interface um recurso de destaque para

a educação. Desse modo, pretendemos discutir através desse estudo como um professor usa essas potencialidades e assim destacar as particularidades do Youtube para a educação.

3.2 A importância dos vídeos do Youtube no ensino

Segundo a lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (BRASIL, 1996) a aprendizagem deve ter intensões formativas e não apenas armazenar e transmitir conhecimento. Podemos atingir este objetivo quando falamos do aprendizado, que é justamente o elemento vivencial do estudante, dando significado ao que ele irá aprender, assegurando um melhor relacionamento de professor e estudante.

Saber interpretar os recursos visuais, com suas especificações, tornou-se uma necessidade. Porém, saber manipular o uso da imagem visual em música deve ir além de uma simples ilustração do conteúdo das aulas ou de meras discussões.

O uso dessas imagens através dos vídeos deve ser significativo, pois deve ter intencionalidade e qualidade. É fundamental que o professor faça algumas indagações como: o uso que faço desse instrumento realmente auxilia o meu aluno no processo de ensino aprendizagem? Será que ele realmente aprende o conteúdo e conhecimento dispostos nos vídeos? De que maneira as imagens que passam nos vídeos nos afetam ou refletem aspectos da sociedade em que vivemos?

Para Jonh Berg (apud SILVA, 1984), o olhar chega antes da palavra, ou seja, os seres humanos, antes de aprender a falar, comunicam-se pela visão. A percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos e acreditamos. Com isso, pode se dizer que toda imagem incorpora uma forma de ver. Portanto, há necessidade de se refletir sobre a possibilidade de realizar atividades com os alunos em sala de aula, levando-os a entender que outras formas de linguagem, além da tradicional, também podem auxiliar a questionar e a desconstruir as formas ideológicas, atendidas aqui como a “legislação, o material didático, conteúdos, pressupostos teóricos dos professores e outros” (SILVA, 1984, p. 16).

No caso da disciplina de música, que aborda conceitos específicos da área, ligados à teoria musical, a utilização de recursos tecnológicos educacionais no ensino pode contribuir na construção do conhecimento pelo aluno, pois algumas vezes a explicação apenas teórica torna-se insuficiente para proporcionar a educação musical aos estudantes.

Apesar de numerosas pesquisas (BERK, 2009; sobre a multimídia, ensinando com cliques de vídeo; GONH, 2003; sobre auto-aprendizagem musical mediada pela utilização de recursos tecnológicos digitais; WARD, 2009; sobre a exploração musical usando TIC em sala de aula; etc.) indicarem a relevância da utilização de recursos tecnológicos educacionais e a necessidade de aulas diversificadas para o ensino de música, alguns conteúdos ainda continuam sendo bastante marcados por metodologias com enfoque apenas transmissivo e pouco contextualizado, como é o caso da história da música.

Trabalhar com vídeos e filmes que sejam significativos e relacionados aos assuntos que estão sendo estudados instiga o senso da observação e da percepção. Quando se apresenta um vídeo ao aluno, ele pode associar este vídeo que está vendo às informações que já possui, levando em conta seu conhecimento prévio. Segundo Moran:

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial - cinética, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional (MORAN, 1993, p.2).

Além da atratividade e da contextualização que os vídeos nos proporcionam, o uso desta ferramenta pode ser muito democrático quando se diz respeito à inclusão educacional. A estratégia educacional inclusiva não compreende somente métodos pedagógicos, mas também necessita do apoio de materiais que dão suporte em aulas práticas e teóricas tanto para alunos como para professores (SCHIRMER, et al., 2007). Sendo assim, o vídeo pode se encaixar neste contexto como suporte que, entre suas variadas possibilidades, pode ser adaptado para pessoas com deficiência (como por exemplo deficiências auditivas, visuais, mentais, etc.), tanto com o uso da própria música, como do braille, de legendas, “replays” (repetições de trechos para melhor fixação) e outras alternativas.

Por exemplo, durante o estágio do ensino fundamental tivemos que lidar com crianças com déficits e transtornos como o autismo, no qual utilizamos os vídeos durante algumas aulas, e ao apresentarmos os vídeos contextualizando com a aula aplicada, este recurso se mostrou extremamente eficiente na captação da atenção desses alunos, pois eram alunos que facilmente se dispersavam nas aulas.

Percebemos então que os vídeos do Youtube podem ser utilizados para a inclusão e socialização desses alunos, o que proporciona à grande parte dos alunos com deficiência,

transtornos ou déficits, as condições favoráveis às suas particularidades, objetivando o desenvolvimento e integração no ambiente escolar dessas crianças.

O vídeo é considerado bastante eficaz não só pela proximidade com o nosso dia a dia, como também pelo lado emocional que podem provocar e, com isso, motivar a aprendizagem dos conteúdos que forem desenvolvidos pelos professores. Segundo Rosa (2000) a quebra de ritmo provocada pela apresentação de um vídeo é saudável, pois altera a rotina em sala de aula, percebendo que muitas vezes o interesse do aluno aumenta, quando são aplicadas atividades incomuns nas salas de aula, levando novo ânimo para a teoria ministrada.

Porém, quando se trabalha com vídeos, alguns procedimentos são necessários no processo de ensino aprendizagem, para que não se perca o contexto da aula. Por isso, qualquer vídeo precisa ser bem utilizado e explorado e, quando necessário, articulado a um texto, passível de ser interpretado. Dessa forma, constituirá em uma autêntica fonte de informação, de pesquisa e conhecimento.

Em métodos que integram as questões pedagógicas e musicais, o uso do vídeo possibilita a interpretação da música, em determinados períodos e épocas, com uma riqueza de informação e detalhes, sendo que, é uma excelente fonte de pesquisa para o ensino de música na atualidade. As fontes de vídeos podem, também colaborar para desenvolver o imaginário sobre música, muitas dessas ferramentas trabalham também a parte fictícia (desenhos animados, filmes, videoclipes, etc....) como recurso para motivar o aluno acostumado com uma infinidade de imagens e sons do dia a dia.

A utilização de linguagens diferenciadas pode levar o aluno a um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso, que tenha significado, que lhe dê condições de se posicionar criticamente frente às questões e problemas que a sociedade traz. Como exemplo disso, pude observar durante os estágios essa interatividade e a contextualização dos alunos ao relacionarem os vídeos com o seu cotidiano. Muitas vezes, os alunos comentavam sobre suas experiências fora da escola, correlacionando com o assunto discorrido na aula e vídeos apresentados.

Enfim, trabalhar o processo videográfico em sala de aula é um caminho fascinante e que pode ser utilizado com muita propriedade no ensino. Os vídeos são excelentes ferramentas e devem ser aproveitados ao máximo pelos professores para auxiliar na aprendizagem dos alunos.

3.3 Vídeos do Youtube como recurso pedagógico ao docente de música

Recentemente, foram realizadas diversas pesquisas sobre o uso de tecnologia na disciplina de educação musical (Cunha, 2006; Ward, 2009; Burnard, 2007; Hagon, 2003), nas quais permitiram determinar uma série de vantagens educativas. Em seguida serão enunciados as mais relevantes dentro destas pesquisas.

Cunha (2006), aponta o uso moderado das tecnologias que podem levar à motivação e ao melhoramento do desempenho musical do aluno, contribuindo para o bem estar de todos na sala de aula, como ocorreu durante todo estágio do ensino médio em que atuei. De forma moderada e complementar, pude associar o que eu estava falando nas aulas com os vídeos do Youtube, como, por exemplo, ao falarmos alguns conceitos técnicos da área de música (como altura, intensidade, timbre, etc.), sempre mostrávamos algum vídeo, contextualizando a teoria discorrida na aula, para melhor entendimento dos alunos.

Outros dados relevantes de uma pesquisa feita por Ward (2009) apontam que, inicialmente, a implementação das TIC na disciplina de música foi vista pelos alunos como uma ferramenta lúdica, porém, com o passar do tempo, a novidade foi se desvanecendo, estes passaram a olhar para as TIC como uma ferramenta de trabalho. Este mesmo autor afirma que a implementação das TIC tornou sua prática musical mais centrada no aluno, promovendo, ao mesmo tempo, um ambiente mais motivador e com maior intervenção por parte dos mesmos. O que pude notar também durante os estágios, quando falávamos que iríamos para sala de vídeo ou usar Datashow, a maioria dos alunos ficavam animados com o simples fato de ter que sair da sala de aula e ir para um outro lugar. Além disso, em certos momentos, alguns deles se expressavam relacionando o que estavam observando com os acontecimentos do seu dia a dia.

Burnard (2007), por seu lado, demonstra que as TIC podem ser um meio para o desenvolvimento de espaços de partilha e de criatividade musical, devido a possibilidade de educação e interatividade entre professor/aluno ser feita dentro e fora de sala de aula, permitindo aos alunos mais tímidos, momentos onde podem desenvolver suas ideias sem a implicação de olhares críticos.

Dentro desta mesma ideia, Hagon (2003) constata que a integração das TIC nas aulas de música pode facilitar a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, permitindo oportunidades para ganhar a confiança durante o desenvolvimento do pensamento crítico e atividades para resolver problemas. Segundo o mesmo autor, o professor de música pode ainda utilizar as TIC, como forma de criar meios de comunicação ricos em experiências

de aprendizagem para os seus alunos, enquanto estende as aulas para além das quatro paredes da sala de aula.

São diversas as ferramentas utilizadas no ensino, como é o caso do texto, do áudio e do vídeo. Entretanto, o suporte vídeo tem tido nos últimos anos um papel preponderante, sendo um dos suportes mais explorados e utilizados, não como uma ferramenta que veicula a informação base, mas sim como um “complemento a outros *média* envolvidos” (VIDAL, 2002). Por isso, tendo em conta as potencialidades das TIC no ensino de música apresentadas acima por diversos autores em suas pesquisas, será pertinente referir a proposta de utilização do Youtube como ferramenta pedagógica no ensino de música.

Segundo Vidal (2002), entre as várias potencialidades que podemos usufruir da utilização do vídeo como ferramenta pedagógicas estão:

- A possibilidade de ver e rever os conteúdos, sempre que for necessário, permitindo, ao aluno, observar esses conteúdos quando quiser;
- Poder permitir o acesso aos vídeos quando não é possível aos alunos estarem presentes durante as aulas, devido a contratempos e impedimentos.
- A explicação gráfica, que em certos casos, é insubstituível, além de permitir transmitir, por imagens, de uma forma mais resumida, aquilo que só seria possível com um texto muito extenso.

Neste site, além de ser possível encontrar vídeos explicativos e tutoriais, também encontramos minicursos e apresentações sobre os mais variados temas e em diversas línguas. Essa ferramenta, se bem organizada pelo professor, pode contribuir e muito para exposição de experiências culturais com os alunos.

A exposição de temas utilizando os vídeos do Youtube, como recurso para dinamizar as aulas, mostra também uma possível preocupação do professor em incentivar a participação e o senso crítico dos alunos, por meio de debates onde todos podem contribuir na construção do conhecimento, até mesmo nas aulas de música. Percebemos, durante todas as aulas que realizamos com o auxílio do Youtube nos estágios, que era notório a participação dos alunos ao visualizarem nos vídeos seja instrumentos, cantores ou até mesmo desenhos animados, imagens e objetos que tinham uma certa familiaridade, o que estimulavam ainda mais o interesse em conhecer ou correlacionar o que viram com o conhecimento que tinham em relação a um determinado assunto.

“Cada ano os nossos alunos estão mais motivados para as tecnologias informáticas e menos motivados para os métodos tradicionais de ensino. Para conseguir cumprir a nossa missão de formar os alunos, temos a obrigação de adaptar os nossos métodos de ensino às novas tecnologias” (VILLATE, 2005, p. 1).

É comum que essa nova geração de estudantes mostre interesse por atividades que envolvam aparelhos eletrônicos e recursos audiovisuais. A visualização de vídeos ocorre de maneira natural, por ser um hábito dessa geração conectada. O interesse pelo tema trabalhado em aula pode ser estimulado por meio de outros vídeos disponíveis para acesso no endereço pesquisado, como o que acontece no Youtube, que possui canais direcionados com conteúdos específicos. Silva e Sales (2015) salientam que essa prática pode contribuir para o aprendizado, uma vez que o conteúdo não está restrito apenas à sala de aula, e a familiaridade com esses recursos auxilia os alunos, motivando-os em seus estudos. A visualização dos vídeos em computadores ainda é comum, porém seu uso tem dividido espaço com aparelhos eletrônicos portáteis como os smartphones, tablets, etc. Ribas, Silva e Galvão (2015) destacam o uso de telefones celulares no processo de aprendizagem, mostrando que o rendimento do aluno é influenciado, considerando o planejamento de atividades que utilizam o celular como ferramenta, deixando suas práticas inseridas no contexto cultural dessa geração.

Isso foi notado durante o período de observação no estágio do ensino médio, que apesar de não utilizarmos os smartphones em nenhuma atividade feita por nós estagiários em sala de aula, percebi que a professora/supervisora utilizou dessa ferramenta em sua aula de artes, como fonte de pesquisa de trabalho escolar. Além de observar que a professora solicitou uma pesquisa em que possibilitou o emprego desse recurso, constatei também que foi o mais utilizado, apesar dos alunos também disporem da possibilidade de pesquisar na biblioteca em livros e revistas.

Não é novidade que o Youtube é uma grande biblioteca online. Seus diferentes perfis e canais são frequentemente alimentados com vídeos trazendo variedade aos seus usuários. Por isso, além de desempenhar seu papel de entreter os usuários com os vídeos mais variados, também tem agregado a responsabilidade na formação dos estudantes, não só no ensino de música, mas também em diversos meios, por intermédio de seus vários canais com fins educacionais, caracterizando-se como uma videoteca particular de cada estudante disponível para acesso a qualquer momento.

3.4 Os fatores positivos e negativos do uso de vídeos do Youtube em sala de aula

O uso dos vídeos do Youtube na educação pode proporcionar aspectos positivos e negativos. O resultado disso depende da forma como os vídeos são utilizados em sala de aula. A seguir, serão apresentados esses aspectos e suas implicações.

Aspectos Positivos:

Velocidade e abrangência: no campo do ensino musical, os vídeos do Youtube se destacam pelo acesso rápido a um grande acervo de músicas e vídeos, no qual torna-se possível a seleção de trechos musicais e a visualização das performances dos instrumentistas. Além disso, partituras, cifras, tablaturas, vídeos e demonstrações musicais feitas com o instrumento estão ao alcance do profissional ou indivíduo que busca uma aprendizagem musical (GOHN, 2002).

A busca rápida associada à grande capacidade de armazenamento de dados dos servidores de internet disponibiliza maior abrangência de conteúdo. Gohn (2008) acredita que o recurso do Youtube tem grande potencial de aprendizagem musical devido a seu rápido acesso a diversas tipologias de informações musicais como vídeo aulas e shows.

Inovação: No caso da educação, os vídeos do Youtube também incentivam a inovação, pois oferecem novas ferramentas de criação e formação, como criação de vídeos, apresentações de conteúdos audiovisuais e outros recursos.

Percebemos que frequentemente as pessoas têm recorrido aos vídeos como forma de obter informações. Vimos ainda que é bastante relevante aos estudantes a utilização de vídeos com conteúdo atualizado e de qualidade por meio de uma linguagem simples e acessível.

Interação: os vídeos do Youtube permitem a interação do aluno com o conhecimento. O aluno pode navegar no conteúdo interagindo com o mesmo no sentido de escolher o quê, como, quando e em qual nível de detalhe quer estudar de acordo com seu nível de curiosidade sobre o assunto.

Vídeos como tutoriais, vídeo-aulas, apresentações instrumentais e outros que podem facilitar essa interação virtual, aproximando o aluno da realidade que é apresentada em sala de aula.

Nesse momento, entra a teoria da aprendizagem significativa criada por David Ausubel, professor emérito da Universidade de Colômbia, essa teoria tem como base o conhecimento prévio do aluno como a chave para a aprendizagem significativa. Segundo Ausubel “O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos” (AUSUBEL, NOVAK & HANESIAN, 1978).

Autonomia: qualquer equipamento tecnológico seja ele um computador, celular ou outro frequente em nosso cotidiano, é mais usado individualmente, onde o usuário pode executar sozinho as tarefas e buscar auxílio na própria ferramenta tecnológica por meio de tutoriais, pesquisas na internet ou arquivos de ajuda. Podemos dizer com isso que a utilização dos vídeos do Youtube também permitem esse tipo de autonomia, pois um professor ou aluno, pode sozinho pesquisar e encontrar qualquer vídeo a respeito do assunto que deseja. Como exemplo, posso dizer a respeito da minha experiência, como aluna no curso de música da UEMA, que muitas vezes utilizei esse recurso para tirar dúvidas ou mesmo revisar certos assuntos que não consegui compreender direito durante as aulas presenciais.

Essa característica autônoma do uso da informática pode ser usada de modo a incentivar o auto-aprendizado através de vídeos explicativos e pesquisas bibliográficas na internet, criando um cidadão pensante e com um importante grau de independência.

Lúdico: Os vídeos do Youtube, quando desenvolvidos corretamente, podem estimular um aprendizado divertido principalmente na educação infantil. Como por exemplo, durante o estágio na educação infantil, quando utilizamos desenhos animados para mostrar e, de forma interdisciplinar, passar o conteúdo exposto.

Além da educação infantil, durante o estágio no ensino fundamental, também utilizamos desenhos para estimular de forma dinâmica os alunos, com vídeos de instrumentos e de um famoso desenho Scooby Doo, onde automaticamente todos os alunos participaram de maneira eufórica da atividade proposta.

Aspectos negativos:

Diversos fatores levam a escola a resistir às inovações no âmbito tecnológico, como o despreparo dos professores e da equipe pedagógica na utilização de vídeos, o tempo gasto na exibição dos filmes durante as aulas, a imposição de pensamento, superficialidade, etc.

A dificuldade ao trabalhar com os recursos tecnológicos (no caso vídeos do Youtube) não está só na visão retrógrada que as escolas ainda detêm, mas também na preparação deficitária de muitos professores para utilizar certos recursos. Além da falta de habilidade dos mesmos em desenvolver certas atividades educativas com esses recursos. Eles tornam-se, muitas vezes, verdadeiros objetos “de decoração” em um espaço reservado da escola. Os recursos tecnológicos, desta forma, tornam-se um problema, e não uma novidade positiva para o desenvolvimento das atividades escolares (KENSKI, 1996).

A abundância de opções de vídeos à disposição dos estudantes, pelo contrário, exige um apurado senso crítico do professor, que deve pensar não só na qualidade das imagens, mas se o vídeo escolhido é mesmo relevante para a aprendizagem ou se oferece mero

entretenimento. Situação comum na rede pública de ensino, quando um professor falta, a opção de levar os estudantes para a sala de vídeo é com frequência uma das primeiras a ser levantada. No entanto, uma atividade que podia ser aproveitada para trabalhar habilidades importantes, acaba sendo desperdiçada quando a prioridade torna-se apenas manter a turma sob controle.

Segundo Moran (1995) existem alguns tipos de práticas de utilização de vídeos que são consideradas inadequadas em aula descritos a seguir:

O vídeo “tapa buraco”, que é usado para resolver algum problema inesperado, como por exemplo, a ausência do professor em sala de aula. Se essa prática se tornar uma rotina, o aluno sempre associará o vídeo a “não ter aula”.

“Vídeo enrolação” é exibido sem ter ligação com o conteúdo ministrado, como uma forma de enrolar a aula. O aluno percebe essa atitude e certamente não aprova.

O “vídeo deslumbramento”, são vídeos utilizados em todas as aulas, deixando as aulas pobres e com pouca eficácia de aprendizagem. O professor não utiliza outras metodologias por ter ficado deslumbrado com essa ferramenta.

Já o “só vídeo” é quando o docente exibe o vídeo sem discutir, sem relacionar o assunto com os conteúdos vistos em sala de aula, sem retornar aos momentos mais importantes ou mais duvidosos para discuti-los.

Sendo assim, é extremamente relevante uma formação eficiente do professor, que deve estar aberto às mudanças que os obrigarão a aceitar as diversidades, as exigências impostas pela sociedade que se comunica através de outro formato de linguagem, como o formato digital; de um universo cultural cada vez mais amplo e tecnológico.

Outro aspecto negativo é a questão do tempo gasto na exibição de filmes é outro fator que preocupa na hora de optar pelo recurso. Como a maior parte das produções cinematográficas duram de 90 a 120 minutos, passar um filme na íntegra significa ocupar duas aulas ou mais. O que muitas vezes prejudica o andamento dos conteúdos durante o semestre, podendo atrasá-los, já que a exibição do vídeo pode ocupar grande parte do tempo nas aulas.

Outro ponto é à liberdade de pensamento, outro uso comum de filmes em sala de aula que não contribui para a aprendizagem é a exposição de vídeos com o objetivo de enfatizar e expor opiniões pessoais do professor. Segundo a psicóloga e professora da pós-graduação do Centro Universitário FAE Nelcy Finck, quando um filme não traz conteúdos muito relevantes para a disciplina e apoia explicitamente uma posição política, religiosa ou de comportamento, a prática pode desrespeitar a liberdade de pensamento dos alunos (FINCK, 2012).

“O professor pode até apresentar suas ideias, desde que promova um debate equilibrado em seguida”, diz Nelcy. Para ela, a tentativa de impor ideias por meio de conteúdos

audiovisuais não é apenas desrespeitosa como ineficaz. “Raramente isso tem algum efeito sobre os alunos. Para mudar a forma de alguém pensar, a credibilidade pessoal de quem fala conta muito mais”, explica. A psicóloga explica que crianças, nos primeiros anos do ensino fundamental, são mais suscetíveis a esse tipo de influência, mas em adolescentes e jovens, quando não há abertura para o debate após o filme ou este é conduzido de forma parcial, o resultado costuma ser o oposto do esperado. “Quando você não respeita a liberdade dos jovens, o desconforto com o tema o fará sair de sala pior do que entrou” (FINCK, 2012, pg 49).

Há também outro ponto negativo que é a superficialidade, na qual, para Carr (2010) a internet está mudando para pior o funcionamento do cérebro humano. Segundo o autor, as pessoas estão ficando “rasas”, ou seja, pensando de forma superficial, sem criticidade. Para ele, consulta-se a internet sem se preocupar com a memorização e o entendimento completo da área de conhecimento, mas apenas com o tópico de interesse imediato (CARR, Nicholas apud ÉPOCA, 2011, n.702, p.79).

Isso é um outro problema que pode acontecer durante as aulas nas quais se passa vídeos ou filmes do Youtube, pois o professor tem que utilizar esta ferramenta como auxílio em suas aulas, e não como vídeo-tapa-buraco, vídeo-enrolação, vídeo deslumbramento, vídeo perfeição ou só mais um vídeo, como aponta Moran (1995) sobre as formas inadequadas de uso do vídeo.

O vídeo, se bem empregado pelo professor, enriquece a aula e proporciona uma aprendizagem mais significativa, considerando que “somos tocados pela comunicação televisiva sensorial, emocional e racionalmente” (FIORENTINI; CARNEIRO, 2001, p.25).

Nesse sentido, a escola tem um papel de suma importância na utilização do vídeo. É seu papel alfabetizar visualmente os alunos, ensinando-os a ler o vídeo e saber utilizá-lo ao seu favor. Se nós, como professores, soubermos utilizar de forma adequada o vídeo na escola, esse recurso certamente irá auxiliar na mudança da postura do ser e do agir do aluno no seu cotidiano.

4 METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS

4.1 Métodos e processos de ensino utilizados e/ou propostos em sala de aula

O ensino, assim como os processos educativos, devem ser orientados por metodologias que permitam atender aos objetivos propostos pelos docentes. De acordo com Nérice (1978, p.284), a metodologia de ensino entende-se como um “conjunto de procedimentos didáticos, representados por seus métodos e técnicas de ensino”, sendo que esses conjuntos de métodos são utilizados com a finalidade de alcançar os objetivos do ensino aprendizagem, com eficácia e rendimento.

Diante desse fato, durante as aulas realizadas nos estágios do curso de música licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, utilizamos uma metodologia na qual empregamos a tecnologia como aliada no processo de ensino. Como a maioria dos alunos está em constante contato com as mais diversas ferramentas (seja a televisão, o computador, tablets e smartphones), por que não incorporar alguns desses elementos em sala de aula como forma de engajar os alunos? Pois a tecnologia pode ser empregada como uma metodologia em sala de aula de diferentes formas, seja por meio de aplicativos para realizar os exercícios, da exposição de slides via apresentações preparadas pelo professor, seja pelo uso de vídeos ou sites interativos para exemplificar as teorias.

Direciona-se então a atenção para as transformações da sociedade e a necessidade de mudança das formas tradicionais de ensino e de aperfeiçoamento constante das práticas e dos saberes docentes. Tanto os estudantes quanto a sociedade passaram e estão passando por significativas mudanças. Devido a isso, as tradicionais formas de ensinar já não servem ou não são tão eficientes como no passado, necessitando de aprimoramento dessas práticas docentes (VAILLANT; MARCELO, 2012).

De acordo com Basso e Amaral (2006):

Estamos em um momento histórico do predomínio da imagem e da interatividade que podem ser incorporadas aos recursos utilizados para ensinar, permitindo que a realidade do aprendiz seja cada vez mais próxima e coerente com o seu cotidiano já permeado de sons, cores, dinamismo e informações (BASSO e AMARAL, 2006, p. 52).

Hoje, por meio da internet, alunos de qualquer idade têm acesso a conteúdos diversificados e que, muitas vezes, são disponibilizados de forma mais atrativa e dinâmica,

quando comparados às aulas onde se utiliza apenas quadro branco e pincel como ferramenta. O que acontecia durante as aulas ministradas com os vídeos? As crianças, adolescentes e jovens ficavam muito mais animadas e atraídas com o conteúdo quando colocávamos estes recursos.

Um dos fatores importantes no ensino é o planejamento, a definição de quais métodos serão utilizados para o desenvolvimento das atividades. Nesse contexto, Gil (2012, p. 94) retrata sobre a falta de criatividade de muitos professores que planejam seus cursos nos quais “simplesmente seguem os capítulos de um livro-texto, sem considerar o que é realmente necessário que os alunos aprendam”, além disso, o autor discorre que vários professores utilizam sempre os mesmos métodos de ensino e avaliação, sem acompanhar as mudanças e evoluções que ocorrem constantemente.

No meio educativo, é fundamental que educadores saibam utilizar e explorar esses recursos, pois um dos seus objetivos é criar um ambiente propício à assimilação do conhecimento, servindo como facilitador no processo de ensino aprendizagem. Crianças, jovens e adolescentes estão confortáveis com a frequência de imagens, sons e tudo que as tecnologias dispõem. Segundo José Manuel Moran (2000):

A força da linguagem audiovisual está no fato de ela conseguir dizer muito mais do que captamos, de ela chegar simultaneamente por muito mais caminhos do que conscientemente percebemos e de encontrar dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma. (MORAN, 2000, p. 34).

O vídeo é um recurso tecnológico que nos possibilita experimentar sensações do mundo e de nós mesmos. Por isso, existe a necessidade de utilização de vídeos em espaços escolares, para diversificar as atividades, exigindo de nós educadores um preparo inicial, como por exemplo a visualização do material que será apresentado, a sua duração, a qualidade do som e da imagem, a linguagem e o assunto, pois se utilizarmos de forma inadequada podem comprometer a aula do professor.

Tudo isso foi analisado antes de realizarmos as aulas e todo esse procedimento faz parte do processo metodológico empregado durante os estágios, já que é de extrema relevância o professor fazer o planejamento daquilo que ele utilizará em aula.

A aprendizagem é dividida em mecânica e significativa, de acordo com Moreira (2006). A mecânica é quando a criança memoriza informações em forma de dados desconectados e sem muito significado. Porém, na significativa novos conceitos são relacionados a outros já existentes. Na interação das práticas pedagógicas com o uso dos vídeos, ocorre a aprendizagem significativa, pois o conhecimento sofre um contínuo processo de elaboração e reelaboração de significativos (MOREIRA, 2006).

Nesse contexto entra a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel, utilizada como base para esse trabalho, essa teoria propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados para que possam construir estruturas mentais utilizando como meios os mapas conceituais que permitem descobrir e redescobrir outros conhecimentos caracterizando assim uma aprendizagem eficaz e prazerosa (AUSUBEL, 1982).

É fundamental fazer da sala de aula um ambiente estimulante. Para isso, é preciso entender quem são os alunos, suas aspirações, o que precisa ser trabalhado em cada faixa etária e assim planejar o seu trabalho, motivando-os a participarem das atividades propostas, considerando-as como meios favoráveis para democratização do ensino. Segundo Moran, “o uso das tecnologias é um fenômeno cultural distinto que a escola tem de entender e incorporar para que continue sendo uma instituição social relevante na sociedade” (MORAN, 2005, p.37-60).

4.2 Questionário

O questionário foi elaborado e aplicado individualmente aos alunos e professores do curso de Música licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, durante o período da noite, entre os dias cinco e oito de Junho. Foram feitos dois questionários, um para os alunos, outro para os professores, sendo que o dos alunos possui dezessete questões e o dos professores quinze questões. Com o propósito de verificar o uso de vídeos do youtube em sala de aula, as questões foram relativas à utilização da internet, no que concerne à periodicidade e prioridades de uso, local onde costumam acessar, os dispositivos eletrônicos que mais utilizam no cotidiano, a utilização do youtube e sua frequência, entre outras perguntas. O questionário foi aplicado com oitenta e seis (86) pessoas no total, sendo setenta e sete (77) alunos e nove (9) professores.

Iremos começar discorrendo sobre o questionário aplicado com os professores, no qual se inicia perguntando se eles possuem computador. No caso, todos responderam que sim. Além disso, todos também afirmaram que possuem acesso a internet em casa e os dispositivos mais utilizado por eles foram o laptop e smartphone, sendo que 4 professores responderam laptop e outros 4 responderam smarhphone. Apenas um dos professores respondeu tablet. O local onde mais acessam a internet é em casa (88,8%) . Entre os tipos de utilização mais frequente na internet, está ler e-mails e fazer pesquisas com 77,7% das respostas. O tipo de recurso audiovisual mais utilizado por eles em sala de aula é o powerpoint (77,7%).

A maioria dos professores disse que utilizam ou já utilizaram vídeos do Youtube em sala de aula e apenas um dos professores respondeu que “não”. Todos os que responderam que “sim” utilizam diversos tipos de vídeos, tais como vídeos de musicalização, teoria musical, entrevistas, filmes, documentários, master-class, performances musicais entre outros citados por eles.

Em relação ao uso em sala de aula, cerca de 55,5% dos professores acham que usam os vídeos com moderação e outros 44,5% acham que deveriam ser mais utilizados. Ainda sobre o uso de vídeos em sala, 44,4% deles acham que os professores são criativos, 33,3% acham que deveriam explorar mais este recurso e 22,3% responderam que os professores não são criativos quando o utilizam. Aproximadamente 55,5% responderam que assistem o youtube todos os dias, 33,3% responderam que assistem quase todos os dias e 11,2% responderam que assistem raramente. Entre eles, o tipo de vídeo que mais costumam acessar são os de músicas, e no caso do ensino de música 66,6% dos professores responderam que utilizam os vídeos do youtube para mostrar aplicações de música.

Em relação aos questionários aplicados aos discentes do curso de música licenciatura, observou-se que cerca de 88,3% possuem computador em casa. Um dos dispositivos mais utilizados por eles foi o smartphone (62,3%), em segundo foi o laptop (22,2%) e terceiro foi PC (15,5%). Aproximadamente 83,1% afirmaram que possuíam acesso à internet e o local que mais utilizavam a internet era em casa (77,9%). Os tipos de utilização mais frequentes na internet segundo eles foram pesquisas, ler e-mails e usar as redes sociais.

De acordo com os alunos, os professores fazem uso de recursos audiovisuais em algumas aulas sendo o Power point o recurso mais utilizado com 85,7% das respostas. Em relação ao uso de vídeos em sala de aula, em torno de 64,9% acham que os professores poderiam explorar mais este recurso, pois a maioria deles se interessa mais pelo assunto (88,3%) quando são utilizados os vídeos.

Aproximadamente 88% dos alunos responderam que usam o Youtube quase todos os dias e que vídeos de músicas são os que mais costumam assistir. Cerca de 84,4% dos estudantes responderam que mostrar aplicações de música com os vídeos do Youtube é a forma mais utilizada pelos professores em sala.

Por fim, existiu um ponto em comum em relação a todos os professores e alunos, no qual todos, sem exceção, tiveram a mesma resposta, que foi a última questão, onde responderam que os vídeos do youtube podem contribuir para o ensino de música, como podemos observar na tabela abaixo a quantidade de professores e alunos que responderam sobre a contribuição desta ferramenta no ensino.

| Tabela sobre o uso de vídeos do Youtube em sala de aula | | |
|--|---------------------|----------------------|
| Questões | Números de docentes | Números de discentes |
| Utilizam ou já utilizaram o Youtube em sala de aula | 8 | 34 |
| Não utilizam o Youtube em sala de aula | 1 | 43 |
| Acham que vídeos do Youtube contribuem para o ensino de música | 9 | 77 |
| Acham que vídeos do Youtube não contribuem para o ensino de música | 0 | 0 |

4.3 Descrição das atividades desenvolvidas nos estágios

Durante o nosso primeiro estágio na educação infantil, realizado na Unidade de Educação Básica Newton Neves, localizada no bairro Vila Palmeira, em São Luís, utilizamos recurso audiovisuais com as crianças, como o Datashow, para mostrar desenhos animados.



FIGURA 1: AULA NA ED. INFANTIL COM O USO DO DATASHOW. (FONTE: Arquivo pessoal)

As aulas desse estágio foram realizadas de forma interdisciplinar, segundo orientações da nossa professora supervisora Juscilene Lise, que nos instruiu para trabalhar desta forma, integrando o conteúdo de uma disciplina com a área da música.

Este estágio iniciou-se no dia 09 de maio de 2016, mas a aula na qual utilizamos os vídeos aconteceu no dia 23 de maio, sendo que realizamos as aulas no horário destinado ao conteúdo de ciências, que tinha como tema higiene do corpo e hábitos saudáveis.

Iniciamos a aula falando sobre a importância dos cuidados com a higiene pessoal e de como levar uma vida saudável praticando exercícios físicos e esportes, se alimentando e dormindo bem. Logo em seguida, apresentamos três vídeos educativos musicais sobre higiene pessoal e vida saudável no Data Show.



FIGURA 2: VÍDEO EDUCATIVO HIGIENE E SAÚDE. (FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=36KuT4G7gjA>)

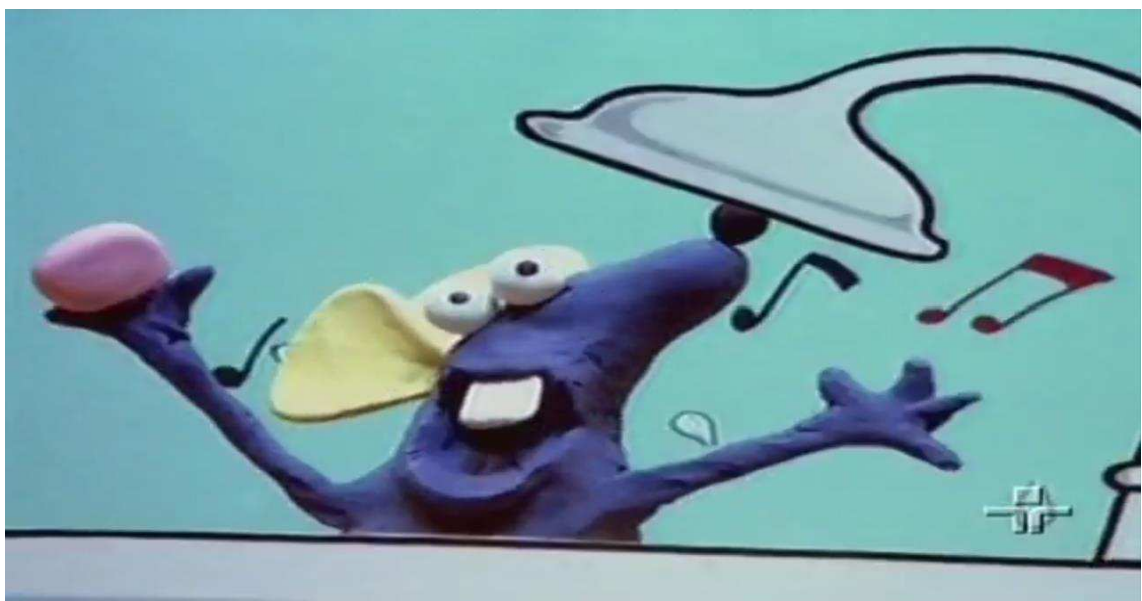


FIGURA 3: VÍDEO SOBRE HIGIENE E SAÚDE (RATINHO TOMANDO BANHO). (FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=Nq04QXs444w>)



FIGURA 4: VÍDEO LAVAR AS MÃOS DE PALAVRA CANTADA. (FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=CaTXgmHyMSk>)

Os três vídeos acima foram apresentados em sala de aula. Foi notório o estímulo e a animação causados por esse recurso nas crianças. Depois que os vídeos foram exibidos, tocamos e cantamos algumas das músicas apresentadas nos vídeos para enfatizar o aprendizado. O que de certa forma possibilitou a elas, além do contato com a disciplina de ciências, também o contato com a música, já que utilizamos também de instrumentos como violão e pandeiro.

Diferente do estágio da educação infantil, no ensino fundamental não foi necessário usar da interdisciplinaridade durante as aulas em que utilizamos os vídeos. Esse estágio foi realizado na U.E.B. Maria José Vaz dos Santos, onde trabalhamos com os alunos do 1º ao 5º ano. Iniciamos as aulas em que usamos os vídeos no dia 15 de novembro de 2016, onde apresentamos duas importantes propriedades dos sons: a altura e o timbre. Nessas aulas, usamos a TV da escola para mostrar alguns vídeos baixados do Youtube. Dividimos essas aulas em duas partes. Primeiro falamos sobre o conceito de altura, depois tocamos na flauta doce duas notas e pedimos para os alunos reconhecerem qual era mais aguda ou grave em relação a outra, se era a primeira nota ou segunda. Em seguida, tocamos o agogô e pedimos para eles falarem qual era o som mais grave, se era o sino maior ou o menor. Logo após, apresentamos um vídeo do desenho animado Scooby-Doo, em que aparecem os dois principais personagens do filme, o cachorro Scooby-Doo e seu dono Salsicha. Ao final do vídeo, pedimos para os alunos identificarem qual dos dois personagens falava mais grave ou mais agudo. A maioria dos alunos conseguiu diferenciar os timbres.



FIGURA 5: VÍDEO LEGO DIMENSIONS SCOOPY-DOO. (FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=YY5KxPI6ApI>).

Na segunda parte, conceituamos timbre. Falamos que cada instrumento musical tem na sua sonoridade uma característica única, como uma identidade, assim como a voz de cada pessoa. Depois, apresentamos vários vídeos com sons de instrumentos musicais diferentes. Os instrumentos ficam escondidos atrás de uma cortina e os alunos só ouvem o som e vem a pergunta sobre qual instrumento está sendo tocado. Grande parte dos alunos reconheceu imediatamente os instrumentos mais populares, como por exemplo, o violão, o piano, a bateria, o saxofone, a guitarra elétrica, mas tiveram dificuldades em reconhecer instrumentos como o oboé, o violoncelo, o fagote, a trompa, talvez por serem instrumentos que não são muito familiares para os mesmos.



FIGURA 6: VÍDEO O SOM DOS INSTRUMENTOS MUSAICAIS. (FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=fwHqfe2i4Eo>)

Também falamos sobre os diferentes timbres das vozes dos colegas. Demonstramos que a voz é considerada um instrumento musical único e que a convivência entre eles faria com que reconhecessem facilmente a voz de cada um. Primeiro, apresentamos alguns instrumentos

de percussão e depois pedíamos para eles fecharem os olhos e começávamos a tocar cada instrumento com a intenção de que eles identificassem os instrumentos. Eles acertavam praticamente tudo. Depois, formamos um grupo com seis crianças e escolhíamos um aluno para tentar reconhecer a voz de cada colega do grupo. A maioria dos alunos conseguia reconhecer todas as vozes.

Todo esse processo foi bastante enriquecedor e nos fez perceber também a importância desse recurso que utilizávamos para facilitar e dar suporte tanto aos alunos como para nós professores durante as aulas.

Já no estágio do ensino médio, que foi realizado no C.E. Prof.^a Maria do Socorro Almeida, trabalhamos também a educação musical com os alunos da 2^a série (turma 202) e com os alunos da 3^a série (turma 304). Iniciamos nossa primeira aula com os vídeos no dia 02 de maio de 2017. Iniciamos na turma 304 a aula sobre uma propriedade do som, a altura, e utilizamos o Datashow em que apresentamos definições e características sobre altura. Em seguida, mostramos alguns vídeos com exemplos de instrumentos que tocam sons graves (tuba, contrabaixo acústico etc.) e instrumentos que tocam sons agudos (violino, flauta doce soprano etc.).



FIGURA 7: VÍDEO DO INSTRUMENTO COM MAIOR EXTENSÃO DE ALTURA MUSICAL- ORGÃO DE TUBOS. (FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=HG77fO77SEE>)

Também mostramos vídeos sobre as famílias de instrumentos, tais como a família das flautas doces, a família dos saxofones e das tubas, enfatizando a questão relativa da altura.

Nessa mesma turma, citamos exemplos e também pedimos alguns exemplos aos alunos, de sons graves e sons agudos produzidos na natureza.

Aplicamos esse mesmo plano de aula sobre as propriedades do som (altura), na turma 202 e, também usando o Datashow. Repetimos o que fizemos com a turma 304 e também realizamos atividades em que tocamos, de dois em dois, sons na flauta doce e solicitamos aos alunos para identificarem qual era o som mais grave ou o som mais agudo. Falamos sobre intervalos ascendentes (quando o primeiro som é grave e o segundo som é agudo) e intervalos descendentes (quando o primeiro som é agudo e o segundo som é grave) e tocamos na flauta doce e na escaleta alguns intervalos, pedindo aos alunos para identificarem se os intervalos eram ascendentes ou descendentes. Cantamos alguns trechos de melodias populares e pedimos aos alunos para identificarem se o trecho da melodia subiu ou desceu. Percebemos que os alunos conseguiram compreender de forma eficaz sobre as características dessa propriedade do som.

Na aula seguinte, ministramos mais uma aula sobre as propriedades do som, falando dessa vez sobre o Timbre. Na turma 304, utilizamos a TV e notebook para passarmos os slides sobre a aula, pois o Datashow já havia sido reservado para outro professor. Começamos a aula apresentando conceito sobre o timbre, utilizando o mesmo processo da aula aplicada no ensino fundamental sobre este assunto, na qual apresentamos o mesmo vídeo sobre o som dos instrumentos musicais, já citado acima. Apresentamos também vídeos de pessoas imitando as vozes de outras pessoas, sons de instrumentos musicais e sons mecânicos e naturais, como o exemplo de um vídeo sobre o ator de “Loucademia de Polícia”, Michael Winslow, em que ele faz imitações de vários tipos de sons.



FIGURA 8: VÍDEO DO ATOR LOUCADEMIA DE POLÍCIA MICHAEL WINSLOW. (FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=e9RmFZgNqf0>).

Utilizamos praticamente essa mesma aula na turma 202, acrescentando apenas mais uma atividade prática, consistindo na formação de um grupo com vários alunos. Escolhemos um aluno e o colocamos de costas para o grupo, de olhos fechados, para tentar identificar a voz

de cada colega do grupo, que era estimulado por nós a falar a frase “timbre é a cor do som”, e nisso íamos mudando os alunos que estavam reconhecendo as vozes. Fizemos com vários alunos e eles reconheceram todas as vozes e foi bastante interessante e enriquecedora essa atividade sobre o timbre.

Na nossa participação final em sala de aula, aplicamos mais uma aula sobre elementos da música, usando dessa vez o elemento “melodia” como conteúdo. Apresentamos no Datashow conceito sobre melodia e sobre escala musical, assim como vídeos sobre o mesmo assunto, e também mostramos a escala de Dó Maior, com as setes notas musicais (do, ré, mi fá, sol lá, si). Em seguida tocamos na flauta doce algumas combinações de notas dessa escala numa criação de trechos melódicos. Tocamos alguns trechos melódicos de canções populares e folclóricas e pedimos aos alunos para identificarem a canção e os alunos conseguiram acertar a maioria das músicas. Escrevemos no quadro os dois primeiros versos da letra da música Asa Branca de Luiz Gonzaga “Quando olhei a terra ardendo, qual fogueira de São João” e primeiro cantamos a melodia da música composta por Luiz Gonzaga e em seguida criamos várias melodias diferentes para os mesmos versos escritos e depois pedimos para os alunos criarem suas melodias em cima desses mesmos versos. Alguns deles conseguiram e outros sentiram um pouco de dificuldade, mas observamos que os alunos gostaram bastante dessa atividade sobre melodia.

4.4 Análise do trabalho com vídeo aulas nos estágios

Dentre as reflexões levantadas pelas pesquisas e questionários, pude observar questões referentes às facilidades, quantidades de materiais e receios frente à ferramenta do Youtube. Inicialmente, tanto os professores quanto os alunos revelaram a utilização dessa ferramenta no dia a dia. Um dos benefícios trazidos pela ferramenta, segundo as pesquisas, é o acesso à vários vídeos de gêneros diferentes musicais como vídeos de improvisação, harmonia e discografias completas que vão desde o Samba, Bossa Nova, Jazz, Música Latina, Rock, etc. Segundo as pesquisas realizadas, este material contribui para o aprendizado musical através da escuta e observação do vídeo.

Gohn (2007, p.3) relata que a tecnologia permitiu uma “disseminação de conteúdos na forma digital... [criando] um fluxo constante de produção musical ao alcance da maioria dos indivíduos”. Nesse sentido, em relação aos dados levantados na pesquisa, reconhecemos que a tecnologia permitiu o acesso às informações sem a necessidade do deslocamento físico.

Contudo, alguns professores revelam ter receio quanto a isso pois, em sua concepção, a falta de uma metodologia para o seu uso o desqualifica como ferramenta de ensino e aprendizagem musical.

Um dos professores que respondeu o questionário revelou que “nunca” utilizou o Youtube em sala de aula. Destarte, de uma forma sutil, sua postura é similar aos dos “apocalípticos” (ECO, 2000 apud GOHN, 2008, p. 114) em que os estudiosos desacreditam no potencial das novas tecnologias. O educador musical que não observar atentamente o desenvolvimento da internet, assim como das outras tecnologias digitais, poderá ter dificuldades para compreender o pensamento e a ação de seus alunos. Infelizmente, na fase transitória em que estamos, “muitos educadores ainda não conseguiram soltar os laços nostálgicos com a forma pela qual eles mesmos aprenderam” (LITTO, 2010, p. 41).

Questões referentes à falta de metodologia ou de mediação do professor na busca de material nos meios midiáticos são analisados por Gohn: “ao facilitar em demasia o acesso à música, o rádio [ou Youtube] atua como um desserviço à aprendizagem musical” (GOHN, 2002, p. 7).

Sobre as possibilidades pedagógico-musicais do Youtube para o ensino de música na educação básica, os docentes e discentes relataram alguns de seus usos e funções no meio acadêmico. Relataram através do questionário as duas formas de uso do Youtube na atividade de ensino que mais se destacam nas aulas que foram: Mostrar aplicações de músicas e experiências musicais. Para Gohn (2002), a principal contribuição dos meios de comunicação ao aprendizado musical é a disponibilização de repertório para a escuta.

Sendo assim, cada vez que utilizamos estas ferramentas em sala de aula, é importante que tenhamos uma compreensão de que estes novos métodos podem contribuir na construção do raciocínio do aluno e na sua capacidade de compreender os processos tecnológicos juntamente com os professores. Os educadores, por sua vez, devem agir como mediadores e colaboradores no processo de construção do saber de cada educando.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi compreender a utilização do Youtube como ferramenta para o ensino aprendizagem de música a partir das experiências realizadas nos estágios do curso de música licenciatura da Uema. Os resultados advindos das pesquisas e do questionário realizado com os professores e alunos do curso de música da Universidade Estadual do Maranhão demonstraram que embora eles conheçam o site, um bom número utiliza apenas em alguns de seus recursos pedagógicos. Souza e Dias (2012) analisam que, atualmente, o jovem já nasce dentro desta tecnologia contemporânea e que isso facilita o acesso às informações virtuais e a comunicação com outras culturas musicais antes inacessíveis.

O que defendemos com esse trabalho é a ideia de que a inserção dos recursos tecnológicos nas escolas depende, em boa parte, da atuação dos docentes, pois o processo de ensino-aprendizagem não é estático. Trabalhar o assunto tecnologia no âmbito educacional e social é, na verdade, buscar dar respostas positivas ao uso deste instrumento educacional no ambiente da sala de aula. A vida acadêmica é o ponto de partida para a construção desse pensamento. É a partir desta formação universitária que se compreende o verdadeiro sentido desta que pode efetivamente transformar o processo de ensino aprendizagem.

Além disso, os que responderam os questionários revelaram possuir critérios de seleção para as escolhas de seus vídeos até mesmo para buscar conhecimentos musicais específicos no referido portal, como por exemplo uma certa “filtragem” nos tipos de vídeos (video aula, máster class, tutoriais, performances e etc). Contudo, constatamos que a internet tem um acervo musical disponível para qualquer pessoa. A quantidade de vídeos postados também pode facilitar o processo de aprendizagem, pois disponibiliza um acervo enorme de músicas (o que seria quase impossível de se ter em casa em forma de gravações, CDs e DVDs) possibilitando portanto, um acesso rápido e democrático para o ensino de música.

Considerando-se que o acesso à internet tem se tornado cada vez mais democrático em nosso país, o Youtube representa uma ferramenta “gratuita”, que facilita o acesso a materiais diversos (livros, música, vídeo aulas, workshops) e, conseqüentemente, propicia o processo de autoaprendizagem musical.

Em relação ao aprendizado musical, cabe ressaltar a importância da mediação do professor durante o processo de aprendizagem do ensino através do Youtube para que haja uma compreensão maior da linguagem musical, da técnica e também um estímulo para a aprendizagem musical.

Concluindo, podemos dizer que o Youtube representa uma ferramenta potencial para o aprimoramento dos docentes e discentes para o ensino de música nas escolas regulares e que, portanto, tornam-se necessários mais trabalhos referentes ao uso desse instrumento em diferentes contextos de educação musical, em especial ao uso dessa ferramenta na educação básica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M.; BRITO V. M; ALMEIDA, L. M. **Espaço Escolar**.de 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/11855/1/Espaco-Escolar/pagina1>>. Acesso em: 22 de maio de 2018.
- ANDRADE, Mário de. **A pequena história da música**. São Paulo, L Martins Editora,1980.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Os PCN e o movimento de renovação pedagógica. **Cadernos de Educação**, Brasília, ano II, n. 5, p. 7-17, jan. 1997.
- AUSUBEL, David Paul. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.
- AUSUBEL, David Paul.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Educational Psychology: a cognitive veiw**. 2a Ed. ed. New York, 1978.
- BASSO, Ilda e AMARAL, Sergio Ferreira do. Competências e habilidades no uso da linguagem audiovisual interativa sob enfoque educacional. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP. v.8, p. 51-72, dez. 2006.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Ministério da Administração e da Reforma de Estado**. Plano diretor da reforma do aparelho do estado. Brasília, DF: MARE, 1995.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BRITO, Gláucia da Silva & PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias: um re-pensar**. 2ª edição revista, atualizada e ampliada. Editora Ibipex, Curitiba-PR, 2011.
- BURGESS, J; GREEN, J. **YouTube: Online Video and Participatory Culture**, PolityPress, Cambridge, UK, 2009.
- BURNARD, P. **Reframing creativity and technology: promoting pedagogic change in music**. Journal of Music, Technology and Education. 1(1), 37-55. 2007.
- CARLONI, Alda Luiza; TARCIA, Rita Maria Lino. **20% a distância: e agora?** Orientações práticas para o uso de tecnologia de educação a distância no ensino presencial. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.
- CARMO, João Clodomiro. **O que é informática**. São Paulo: Brasiliense S.A., 2000.
- CARR, Nicholas. **The Shallows**. What the Internet is doing to our brains. New York: W.W. Norton, 2010.

CARRARA, K. **Acesso a Skinner pela sua própria obra**: publicações de 1930 a 1990. Didática, 1992, n.28, p.195-212.

CONTIER, Arnaldo D. **Passarinhada do Brasil**: canto orfeônico, educação e getulismo. Bauru: EDUSC, 1998.

COSTA, F. A., PERALTA, H., & VISEU, S. **As TIC na Educação em Portugal**: Concepções e Práticas. Porto: Porto Editora, Lda, 2007.

CUNHA, P. **Tecnologias da música em expressão e educação musical no 1.º ciclo do ensino básico**, 2006. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6217>>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

ÉPOCA. **A internet faz mal ao cérebro?** ÉPOCA, v. 702, p. 76-84, Outubro 2011.

FERNÁNDEZ, R. **Ensenanza asistida por ordenador**. Madri: Santillana, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o mini dicionário da língua portuguesa. 6ª. ed. Curitiba; Posigraf, p.690, 2004.

FIORENTINI, L. M. R.; CARNEIRO, V. L. Q. (org.). **TV na escola e os desafios de hoje**: Curso de extensão para Professores do Ensino Fundamental e médio da Rede Pública. Unirede e Seed/Mec. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. v.1, 2 e 3.

FONSECA, Fábio do Nascimento. Parâmetros Curriculares Nacionais: Possibilidades e limites. In: PENNA, M. (coord.) **É este o ensino de arte que queremos?** Uma análise das propostas dos parâmetros curriculares nacionais. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

FONTEERRADA, Marisa Trench de O. **Educação musical**: investigação em quatro movimentos. Revista Ouvirouver, Uberlândia, n.1, p.149-52, 2005.

_____, Marisa Trench de O. (1993). **A educação Musical no Brasil**: algumas considerações. In: Anais do II Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical. II Encontro Anual da ABEM, Porto Alegre, 69-83, 1993.

FRANÇA, Eurico Nogueira. **A música no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FINCK, Nelcy Teresinha Lubi. **Revista Acadêmica de Psicologia**. PsicoFAE, Curitiba - PR, 27 ago. 2012.

FUKS, Rosa. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GIL, A. C. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2012.

GIORGI, Cristiano Di. **A Escola Nova**. São Paulo: Ática, 1992.

GOHN, Daniel Marcondes; LITTO, Fredric M. **Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____, Daniel Marcondes. **Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais.** In: Revista da ABEM, n. 19 p. 113-119. 2008.

_____, Daniel Marcondes. **A apreciação musical na era das tecnologias digitais.** Anais: XVII Congresso da ANPPOM em São Paulo. São Paulo, agosto de 2007.

HAGON, J. P. **Music Education Program Review,** 2003. Disponível em: <http://www.berklee.edu/pdf/departments/music_ed/DOESelfStudy.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

KENSKI, Vani Moreira. “O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In: ” VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Didática: O ensino e suas relações.** Campinas: Papirus, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

LITTO, F. M. **Aprendizagem a distância.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório.** Dissertação em Mestrado em Educação, da PUC, Minas Gerais, 2001. Disponível em: <www.pucminas.br/teses>. Acesso em: 06 de maio 2018.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.

MARTUCCI, Elizabeth Márcia. O Manifesto UNESCO/Ifla e os objetivos da biblioteca escolar. Missão e objetivos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (org). **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual.** São Paulo: SENAC e Conselho Regional de Biblioteconomia, 2005, p. 183-187.

MATEIRO, Teresa da Assunção Novo. **Educação musical nas escolas brasileiras: retrospectiva histórica e tendências pedagógicas atuais.** Revista Arte-Online, v.3, mar. /ago. 2000.

MATTAR, João. **Tutoria e interação em educação a distância.** – São Paulo: Cengage Learning, 2012 (Série Educação e Tecnologia).

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José M; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e Mediação Pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____, José Manuel. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo.** Texto publicado na Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, setembro-outubro, p. 24-26, 1995. Disponível em: < <http://www.eca.usp.br/prof/moran /novtec.htm>>. Acesso em: 31 de maio de 2018.

_____, José Manoel. **Tecnologias audiovisuais: a TV e vídeo na escola.** Desafios da televisão e do vídeo à escola. In Integração das Tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

_____, José Manuel. **A distância e o presencial cada vez mais próximos.** 2010
Disponível em: < <http://ead.folhadirigida.com.br/?p=2343>>. Acesso em: 24 de maio de 2018.

MOREIRA, M.A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula.** Brasília, Editora da UnB, 2006.

NÉRICE, I. G. **Didática geral dinâmica.** 10 ed., São Paulo: Atlas, 1978.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, v. 5, n. 9, p.1-6, 2001.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 345 p, 1999.

PAPERT, Seymour. **Logo: computadores e educação.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____, Seymour. **A família em rede: ultrapassando a barreira digital entre gerações.** Título original: The Connected Family: bridging the digital generation gap. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

_____, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

RIBAS, A. S.; SILVA, S. C. R.; GALVÃO, J. R. **Telefone celular como recurso didático no ensino de física.** Curitiba: UTFPR, 2015.

ROSA, P. R. S. **O uso dos recursos audiovisuais e o ensino de ciências.** Cad. Cat. Ens. Fís. Campo Grande – MS, v. 17, n. 1, p. 33-49, 2000.

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade.** Porto: Afrontamento, 1994.

SCHIRMER, C. R; BROWNING, N.; BERSCH, R. C. R.; MACHADO, R. **Atendimento Educacional Especializado – Deficiência física.** São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

SILVA, Marco Antonio da. **Repensando a História.** São Paulo; Marco Zero, 1984.

SILVA, M. P. O.; SALES, S. R. **O fenômeno cultural do youtube no percurso educacional da juventude ciborgue.** In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO, 6. 2015, Canoas. **Atas...**, Canoas, 2015.

SOUZA, Ana Fátima. **A maior vantagem competitiva é a habilidade de aprender,** 2007.
Disponível em: <<http://www.dimap.ufrn.br/~jair/piu/artigos/seymour.html>> Acesso: 30 de maio de 2018.

SOUZA, Jussara (Org.). **Música, cotidiano e educação.** Porto. Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música da UFGRS, 2000.

SOUZA, Jusamara; DIAS, Antônio. **Educação, música e mídia**. Capítulo 1. Livro de PESCE, L.; OLIVEIRA, M. O. de M. Educação e Cultura Midiática. Vol II. Salvador: EDUNEB, 2012.

TAKAHASHI, Tadao. (org.) **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TELLES, André. **A Revolução das Mídias Sociais**. Cases, Conceitos, Dicas e Ferramentas. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2011.

UNESCO. **Educação e Tecnologia a serviço do desenvolvimento**. Brasília, 2005.

VAILLANT, D.; MARCELO, C. **Ensinando a ensinar**. As quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba: Editora da Universidades Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

VALENTE, J. A. Análise de Diferentes tipos de Software usados na Educação. In: VALENTE, J. A. (org.) **O Computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1993.

_____, J. A. **Diferentes usos do computador na educação**, 2001 Disponível em: <<http://nied.unicamp.br/publicacoes/separatas/Sep1.pdf>>. Acesso em: 27 de Abril de 2018.

_____, J. A. **Educação a distância**: uma oportunidade para mudança no ensino. In: MAIA, C. (Coord.). Ead.br: educação a distância no Brasil na era da Internet. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000.

VIDAL, E. **Ensino a distância vs ensino tradicional**. Universidade Fernando Pessoa, Porto. 2002.

VILLATE, J. E. **E-learning na Universidade do Porto Caso de Estudo**: Física dos Sistemas Dinâmicos 2004/2005. II Workshop E-learning da Universidade do Porto. 2005. Disponível em: <<http://fisica.fe.up.pt/pub/villate/workshop-up/eic2107.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

WARD, Christopher. Musical exploration using ICT in the middle and secondary school classroom. **International Journal of Music Education** nº 27: 154-168. 2009. Disponível em: <<http://ijm.sagepub.com/cgi/reprint/27/2/154>>. Acesso em: 24 de maio de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES**Questionário sobre o uso de vídeos do Youtube em sala de aula**

PROFESSOR(A)

Nome:

Idade:

Sexo:

Instituição:

1. Você possui computador em casa?

a. Simb. Não (Se assinalou o item B, não precisa responder as questões 2 e 3)

2. Assinale abaixo o dispositivo que você mais utiliza no seu cotidiano:

 PC (Computador de mesa) Laptop Tablet Smartphone

3. Possui acesso à internet em casa?

a. Simb. Não

4. Em qual (quais) local (locais) você mais acessa a internet?

 Em casa No trabalho Lan Houses Casa de amigos Outros

5. Qual o tipo de utilização mais frequente na internet?

 Notícias Ler e-mail Pesquisas Redes Sociais Ver vídeos Outros. QUAL? _____

6. Qual o tipo de recurso audiovisual você mais utiliza em sala de aula?

 Apresentações em Power Point ou Word. Páginas Específicas da Internet (Portais educacionais, banco de imagens, etc.) Vídeos

Softwares Educacionais

Outro. Qual? _____

7. Quanto à utilização de vídeos, qual o tipo de mídia você mais utiliza para apresentá-los em sala de aula?

YouTube

DVDs

Fitas VHS

CDs

Outro. Qual? _____

8. Em sua prática na docência musical você utiliza ou já utilizou o Youtube em sala de aula?

Sim Não

9. Se sim quais foram os tipos de vídeos que você utilizou para lecionar na aula?

10. Quanto à utilização dos vídeos em sala de aula, você acha que:

a. deveriam ser mais utilizados

b. utiliza com moderação

c. deveriam ser menos utilizados

11. Ainda sobre o uso dos vídeos em sala de aula, você acha que:

a. os professores são criativos ao utilizá-los.

b. os professores poderiam explorar mais este recurso de vídeo.

c. os professores não são criativos quando o utilizam.

12. Você usa o YouTube com que frequência?

a.() Todos os dias b.() Quase todos os dias c.() Raramente d.() Nunca

13. Que tipo de vídeos você costuma acessar no YouTube?

- Engraçados
- Curiosidades
- Músicas
- Educacionais
- Documentários
- Filmes
- Notícias
- Outro. Qual? _____

14. No caso do ensino de música, de que forma você utiliza os vídeos do YouTube?

- Mostrar aplicações da músicas
- Mostrar curiosidades
- Mostrar experiências
- Mostrar filmes
- Nunca utilizei

15. Pra você o uso dos vídeos do YouTube pode contribuir para o ensino de música? Por que?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS**Questionário sobre o uso de vídeos do Youtube em sala de aula**

Nome:

Idade:

Sexo:

Curso:

Instituição:

1. Você possui computador em casa?

a. Sim

b. Não (Se assinalou o item B, não precisa responder as questões 2 e 3)

2. Assinale abaixo o dispositivo que você mais utiliza no seu cotidiano:

PC (Computador de mesa) Laptop Tablet Smartphone

3. Possui acesso à internet em casa?

a. Sim

b. Não

4. Em qual (quais) local (locais) você mais acessa a internet?

Em casa Na escola Lan Houses Casa de amigos Outros

5. Qual o tipo de utilização mais frequente na internet?

Notícias Ler e-mail Pesquisas Redes Sociais Ver vídeos

Outros. QUAL? _____

6. Em seu curso os professores fazem usos de recursos audiovisuais utilizando computadores?

a. Sim

b.() Não (Caso tenha assinalado esse item, vá para a questão 9)

7. Em caso positivo, com que frequência?

a.() em todas as aulas b.() em algumas aulas c.() raramente

8. Qual o tipo de recurso audiovisual mais utilizado?

() Apresentações em Power Point ou Word.

() Páginas Específicas da Internet (Portais educacionais, banco de imagens, etc.)

() Vídeos

() Softwares Educacionais

() Outro. Qual? _____

9. Você como discente de música licenciatura, leciona ou lecionou em alguma escola?

() Sim

() Não (se assinalou este item, não precisa responder a questão 10)

10. Em sua prática na docência musical você utiliza ou já utilizou o Youtube em sala de aula?

() Sim

() Não

11. Ainda sobre o uso dos vídeos em sala de aula, você acha que:

a.() os professores são criativos ao utiliza-los.

b.() os professores poderiam explorar mais este recurso de vídeo

c.() os professores não são criativos quando os utilizam

12. Quando o professor faz uso do vídeo em sala de aula você normalmente:

a.() Se interessa mais pelo assunto b.() Fica indiferente c.() Acha maçante

13. Quando o professor utiliza vídeos em suas aulas você normalmente:

a.() Entende melhor o conteúdo

b. () Tem mais dificuldade em entender o conteúdo

c. () Acha que não interfere no seu aprendizado

14. Você usa o YouTube com que frequência?

a. () Todos os dias b. () Quase todos os dias c. () Raramente d. () Nunca

15. Que tipo de vídeos você costuma acessar no YouTube?

() Engraçados

() Curiosidades

() Músicas

() Educacionais

() Documentários

() Filmes

() Notícias

() Outro. Qual? _____

16. No caso do ensino de música, para que fins seus professores fazem (fizeram) uso dos vídeos do YouTube?

() Mostrar aplicações da músicas

() Mostrar curiosidades

() Mostrar experiências

() Mostrar filmes

() Nunca utilizaram

17. Pra você o uso dos vídeos do YouTube podem contribuir para o ensino de música? Por que?

ANEXOS

ANEXO A – PLANOS DE AULA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
CURSO: Licenciatura em Música
DISCIPLINA: Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil
PROFESSOR: Maria Jucilene Silva Guida de Sousa

ESTAGIÁRIO(A): Kleber e Rebeca

PLANO DE AULA

ESCOLA CAMPO: UEB Newton Neves

DISCIPLINA: Música

DATA: 22/05/2016

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | CONTEÚDO | PROCEDIMENTOS | HABILIDADES A SEREM TRABALHADAS | RECURSOS | AVALIAÇÃO |
|---|--------------------------------------|---|--|--|---|
| Conhecer sobre os cuidados com a higiene do corpo e com hábitos para uma vida saudável. | Higiene do Corpo e Hábitos saudáveis | 1- Apresentação de 3 vídeos educativos musicais sobre higiene pessoal e vida saudável no Data Show. 2- Falar sobre a importância dos cuidados com a higiene pessoal e de como levar uma vida saudável praticando exercícios físicos e esportes, se alimentando bem e dormindo bem. 3-Tocar e cantar algumas músicas que foram apresentadas nos vídeos para enfatizar o aprendizado. | Atenção e cuidado com a higiene do corpo e noção de vida saudável. | Data Show, quadro branco, notebook, caixa de som, pendrive, microfone, violão e voz. | A avaliação será processual através da participação ativa dos alunos. |

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
 CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
 CURSO: Licenciatura em Música
 DISCIPLINA: Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Fundamental
 PROFESSOR: José Roberto Froes da Costa
 ESTAGIÁRIO(A): Rebeca Costa de Sousa

PLANO DE AULA

ESCOLA CAMPO: U.E.B. Maria José Vaz dos Santos
 SÉRIE: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º Ano A e B

DISCIPLINA: MÚSICA
 DATA: 15/11/2016

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | CONTEÚDO | PROCEDIMENTOS | HABILIDADES A SEREM TRABALHADAS | RECURSOS | AVALIAÇÃO |
|--|---------------------------------------|---|--|--|--|
| Reconhecer as propriedades do som: Altura e Timbre | Propriedades do som: Altura e Timbre. | 1-Apresentar conceitos sobre Altura e Timbre. 2- Mostrar vídeo do Scooby-Doo e pedir aos alunos para identificarem na fala dos personagens Scooby-Doo e Salsicha quem fala grave e quem fala agudo. 3- Tocar na flauta doce dois sons e pedir para os alunos identificarem qual o som mais grave ou agudo em relação ao outro. 4-Mostrar vídeo de sons de vários instrumentos musicais e pedir para os alunos identificarem o tipo de instrumento.5- Pedir para os alunos reconhecerem a voz dos colegas de sala e de alguns instrumentos de percussão que apresentamos aos mesmos. | Percepção auditiva, memória musical e atenção. | TV Led, Pen drive, Vídeos do youtube sobre desenho animado e sobre sons de instrumentos musicais; instrumentos de percussão. | Participação e assimilação dos conteúdos |

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
 CURSO: Licenciatura em Música
 DISCIPLINA: Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio / PROFESSOR: José Roberto Froes da Costa
 ESTAGIÁRIO(A): Rebeca Costa de Sousa

TEMA: Propriedades do som

ESCOLA CAMPO: C.E. Prof.^a Maria do Socorro Almeida
 SÉRIE: 2º e 3º ano -Turmas 202 e 304

DISCIPLINA: Artes / Música
 DATA: 02/05/2017- TEMPO: 50 min.

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | CONTEÚDO | PROCEDIMENTOS | HABILIDADES A SEREM TRABALHADAS | RECURSOS | AVALIAÇÃO |
|--|-----------------|---|---|--|---|
| Reconhecer as propriedades do som: Altura. | Altura | Apresentar no Datashow conceitos e características sobre altura e mostrar exemplos. Mostrar vídeos de instrumentos que produzem os sons graves e instrumentos que produzem os sons agudos. Pedir exemplos aos alunos de sons graves e sons agudos produzidos na natureza. Tocar de duas em duas notas musicais na escaleta, na flauta doce e no ukulele e pedir para os alunos identificarem qual som é mais grave ou mais agudo em relação ao outro. | Memória auditiva; atenção; raciocínio; percepção musical. | Datashow, notebook, tela de projeção, pendrive, escaleta, flauta doce e ukulele. | A avaliação será processual através da participação ativa dos alunos. |

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
 CURSO: Licenciatura em Música
 DISCIPLINA: Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio / PROFESSOR: José Roberto Froes da Costa
 ESTAGIÁRIO(A): Rebeca Costa de Sousa

TEMA: Propriedades do som

ESCOLA CAMPO: C.E. Prof.^a Maria do Socorro Almeida
 SÉRIE: 2º e 3º ano -Turmas 202 e 304

DISCIPLINA: Artes / Música
 DATA: 16/05/2017- TEMPO: 50 min.

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | CONTEÚDO | PROCEDIMENTOS | HABILIDADES A SEREM TRABALHADAS | RECURSOS | AVALIAÇÃO |
|---|-----------------|--|---|---|---|
| Reconhecer as propriedades do som: Timbre | Timbre | A aula será ministrada de forma expositiva e dialogada e serão utilizados o uso de imagens, instrumentos e áudios, projeção de slides e jogos (dinâmicas), com a participação de todos os alunos. Dividir a turma em quatro grupos e sortear para cada um, uma das propriedades do som. Cada grupo irá trazer um trabalho escrito e apresentá-lo na próxima aula (30/05), que valerá quatro pontos. | Atenção; raciocínio; percepção musical; memória auditiva; relação interpessoal. | Data show, caixa de som, notebook, pen drive, violão, flauta doce, escaleta, ukulele e instrumentos de percussão. | A avaliação será processual através da participação ativa dos alunos. |

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

CURSO: Licenciatura em Música

DISCIPLINA: Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio / PROFESSOR: José Roberto Froes da Costa

ALUNO(A): Rebeca Costa de Sousa

TEMA: Elementos da música

ESCOLA CAMPO: C.E. Prof.^a Maria do Socorro Almeida

SÉRIE: 2º e 3º ano -Turmas 202 e 304

DISCIPLINA: Artes / Música

DATA: 06/06/2017 - TEMPO: 50 min.

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | CONTEÚDO | PROCEDIMENTOS | HABILIDADES A SEREM TRABALHADAS | RECURSOS | AVALIAÇÃO |
|--|-----------------|--|---|---|---|
| Conhecer e compreender o conceito e as características dos elementos da música: Melodia. | Melodia | A aula será ministrada de forma expositiva e dialogada e serão utilizados o uso de imagens, vídeos, instrumentos, áudios, projeção de slides e jogos (dinâmicas), com a participação de todos os alunos. | Atenção; raciocínio; percepção musical; memória auditiva. | Quadro branco; pincel; apagador. Data show, caixa de som, notebook, pen drive, flauta doce. | A avaliação será processual através da participação ativa dos alunos. |

ANEXO B – FOTOS DO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FONTE: ARQUIVO PESSOAL



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

ANEXO C – FOTOS DO ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL



FONTE: ARQUIVO PESSOAL



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

ANEXO D - FOTOS DO ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO

FONTE: ARQUIVO PESSOAL



FONTE: ARQUIVO PESSOAL